



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS - BACHARELADO

Aline Galina Veeck Godinho

Tradução Musical para Língua Brasileira de Sinais

Santa Rosa/RS

2018

Aline Galina Veeck Godinho

Tradução Musical para Língua Brasileira de Sinais

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a conclusão do curso de Graduação Bacharelado em Letras Libras.

Professora Orientadora: Dra. Marilyn Mafra Klamt.

Santa Rosa/RS

2018

*“Porque Dele, por Ele e para
Ele, são todas as coisas”.*

Romanos 11:36

AGRADECIMENTOS

Nessa trajetória, nesse sonho realizado de poder cursar a tão desejada graduação em LETRAS LIBRAS/Bacharel, tenho muito a agradecer.

Primeiramente, quero agradecer ao meu Senhor e Criador, Jesus Cristo, o qual me deu a oportunidade de conhecer a Língua de Sinais, colocou desejo e sonhos em meu coração, cuidou de mim a cada viagem até o polo de Santa Rosa para estudar, sem acidentes, me sustentou financeiramente e com saúde em todo tempo, zelou pela vida dos meus familiares a fim de que pudessem cuidar de meus filhos em cada viagem.

Aos meus familiares que não mediram esforços para cuidar de meus filhos e me estimular a crescer na profissão que escolhi.

À minha mãe, Neide, meu eterno agradecimento, respeito e amor. Zelando pela vida do meu pai, não mediu esforços para atender meus filhos em minhas viagens e enquanto eu escrevia este trabalho de conclusão de curso.

Ao meu pai, Cesar, que, mesmo nesse momento difícil da vida, sempre esteve ao meu lado, preocupando-se em quais condições aconteceriam minhas viagens, auxiliando minha mãe em distrair as crianças e controlar eventuais atritos entre irmãos. Amo você!

Ao meu sogro, João, e a minha sogra, Eloiva, cuidadores espirituais de nossa família, cobrindo de oração nossas vidas, não medindo esforços em pegar estrada quando necessário ou emprestar o carro quando o nosso quebrava. Sem esquecer do bisavô Olindo, cujo carro usamos praticamente durante um ano para viajar.

Ao meu amor eterno, meu esposo Joelson, companheiro, amigo e amante que Jesus me deu. Não mediu esforços para me incentivar, para me acolher em choro, para passar sono, frio, cansaço ou vontade de não dirigir. Contudo nunca disse “não”, desde a primeira viagem para o vestibular em 2013, desde lá ele não parou mais. Foram 4 anos de muitas idas e vindas à Santa Rosa, dividindo sem reclamar nosso carro e nossa casa com minhas colegas, Emanuelle, Lidiéli, Natali (a esta um agradecimento especial pelas viagens em seu carro, risadas e bolos da sua mãe) e Cristiane. Meu amor, não tenho palavras para agradecer e nesse momento o mais simples “EU TE AMO” parece infinitamente pouco, mas eu te amo e sou eternamente grata.

Aos meus filhos, amor que não cabe em mim! Se nasceram de mim ou não, se me chamam de mãe ou não, se tem minha cor ou se não tem... MEUS FILHOS, heranças do Senhor, que compreenderam (ou nem tanto) tanta ausência, tanta falta de tempo, tantos “nãos”. Vamos sentir saudades de fazer a nossa “escala” de quem iria para Santa Rosa, do restaurante e da padaria. Mas, principalmente, de dividir momentos únicos com vocês dentro do carro e ouvir a

pergunta: “Já chegamos?”, repetidas milhares de vezes. Arthur, Amanda, Gustavo, Bernardo e Victória, meu amor por vocês não cabe no peito. Victória, minha esperada princesa, não posso deixar de registrar que sua vida foi, durante essa trajetória, sonhada, planejada, desejada, fecundada e realizada. Você esteve em todo o tempo junto comigo, em planos, logo depois dentro de mim e por fim me acompanhando na reta final, em viagens e estudos do TCC durante as manhãs e tardes em nossa casa. Entre stress, sono e cansaço seu sorriso me trouxe esperança.

Minhas amigas, aquelas mais íntimas, aquelas que conhecem meu coração por dentro, meus momentos bons e ruins, meu mau humor e minha risada desenfreada, minhas lágrimas, minhas orações...muito obrigada por me apoiarem, igual a vocês não existem, posso dizer, com certeza, que TENHO amigas e SÃO AS MELHORES.

Em especial a uma amiga, irmã, comadre, ex-chefe, confidente, a qual eu admiro, conhece meus defeitos e mesmo assim me ama, está comigo nos melhores e piores momentos, e desenvolveu um papel mais que importante na minha vida e no desenvolvimento desse trabalho. Minha não oficial co-orientadora, Thiane Vargas, a qual também realizou a revisão ortográfica desta pesquisa, meus mais sinceros agradecimentos por tudo que é na minha vida e na minha família, por seu carinho e dedicação incansável, amo você!

Comunidade surda; professores; minha orientadora Marilyn e sua infinita paciência e compreensão; tutores em especial a Cátia, uma pessoa totalmente dedicada, competente, esforçada e amorosa conosco; colegas de profissão, sem vocês seria impossível chegar até aqui. Quanto aprendizado, trocas, discussões, elogios e críticas, tudo isso faz parte do crescimento do ser humano, e graças a Deus eu tive e preciso ter isso vindo de vocês no decorrer do caminho. Obrigada e obrigada por cada aprendizado.

E, por fim, a todos que de uma forma ou de outra fizeram parte desse trabalho, com ajudas, ideias, participações, reclamações, sugestões, materiais, entrevistas, vídeos...meu muito obrigada.

Minha vida foi marcada em um antes e um depois do Curso de Letras Libras da UFSC. Sou melhor a cada dia.

RESUMO

Analisando o contexto, podemos observar, em relação à tradução de música para a Língua Brasileira de Sinais, Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais que defendem e se dedicam a esse trabalho. Por outro lado, há aqueles profissionais que não têm o mesmo perfil e, em algum momento, se deparam com a necessidade de realizar essa modalidade de trabalho, contudo, não o sabem fazer ou não se dedicam a estudar, por preconceito de que isso não está de acordo com a cultura surda, realizando, assim, um pré-julgamento do que é proveitoso ou não para o sujeito surdo. Muitas vezes, encontramos surdos que se dedicam a traduzir músicas e até mesmo participam de aulas de músicas. Há também os surdos que não entendem o significado, geralmente, por não demonstrarem interesse ou por não terem recebido da forma que lhe causassem apreciação, relatando que a música não faz parte de sua cultura. Diante desta problemática é levantada uma pesquisa de escolhas tradutórias que surdos e ouvintes realizaram mediante uma canção, bem como um questionário, a fim de apontar as dificuldades encontradas por ambos nesse processo tradutório. Uma análise dos dados obtidos irá nos mostrar como os tradutores desta modalidade podem se dedicar a estudar a música e seu contexto histórico, incorporar sinais e ir além de uma teoria, transmitindo a música em seu sentido real e completo, com o objetivo de que o sujeito surdo sintam-se confortável, informado, e por que não dizer “tocado” pela essência e pela emoção que a música transmite. O sujeito surdo, obtendo informações completas podem apreciar, conhecer e admirar outras culturas e contextos históricos sem que se sintam pressionados pelos ouvintes.

Palavras-chave: Tradução, Música, Emoção.

RESUMO

Resumo e palavras-chave em LIBRAS disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=J0WVanhQf4U&feature=youtu.be> .

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1	Texto Inicial e final	18
Ilustração 2	Tradução Intralingual.....	18
Ilustração 3	Tradução Intralingual.....	21
Ilustração 4	Tradução Intersemiótica.....	22
Ilustração 5	Google Tradutor.....	23
Ilustração 6	Pro DeafWeb.....	23

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Relação de vídeos e tradutores.....	44
----------	-------------------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
2 ESTUDOS DA TRADUÇÃO	13
2.1 Intepretação.....	16
2.2 Tradução.....	17
2.3 Tipos de Tradução.....	17
2.3.1 Tradução Intralingual.....	17
2.3.2 Tradução Interlingual.....	19
2.3.3 A tradução Intersemiótica.....	21
2.3.4 Tradução Automática.....	22
2.3.5 Interpretação simultânea e consecutiva.....	23
3 TRADUÇÃO DE MÚSICA	26
4 METODOLOGIA	41
5 ANÁLISE DOS DADOS	44
5.1 Análise realizada pelo sujeito surdo.....	44
5.2 Análise realizada pela pesquisadora.....	48
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERENCIAS	57
APÊNDICE	60

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa apresenta-se como um estudo de caso, de caráter qualitativo, cujo tema é a tradução musical para a Língua Brasileira de Sinais. O objetivo desta pesquisa é analisar a tradução musical para Libras, focando na percepção do sujeito surdo, quanto à melodia, harmonia, ritmo, som e estética. A cada fator relacionado, apresentamos sua equivalência em Libras, desta forma, o sujeito surdo, ao observar a tradução realizada por seis tradutores, surdos e ouvintes, poderá atentar para esses pontos mencionados. Trazemos à reflexão os seguintes questionamentos: Será a falta de dedicação profissional de um tradutor que faz o surdo não encontrar diferença entre uma música e um texto interpretado? Será o preconceito formado de que “o surdo não entende música”, assim como “não compreende o Português”, que deixa os profissionais acomodados? Se buscarem uma dedicação maior, tempo de análise e pesquisa sobre a canção, com estratégias que essas traduções exigem, o resultado seria diferenciado? Como transmitir a emoção contida na melodia que acompanha a letra e levar essa experiência, que transmite além de história e cultura, um bem-estar interior ao surdo, de maneira interessante e encantadora, sem que o mesmo se sinta inferiorizado por não possuir a audição, mas que ao contrário, viva novas experiências ressaltando suas potencialidades? A música ao ser traduzida para língua de sinais é ajustada à compreensão visual, tornando-se acessível podendo ser aceita na cultura surda? Se a Experiência Visual é um artefato da cultura surda, e através dela o surdo pode se constituir como sujeito e fazer a leitura do mundo, então ele pode viver a experiência de uma música traduzida em Libras e, assim, essa tradução ser considerada um artefato cultural?

A hipótese para essa pesquisa é que as escolhas interpretativas do TILS podem influenciar o entendimento da música pelo surdo, fazendo com que o mesmo tenha melhor assimilação das emoções e das significações do objeto lírico. Ainda, o desenvolvimento de uma técnica tradutória com expressão corporal e estudo da canção pode fazer com que o sujeito surdo receba informações claras e emocionais sobre a canção.

A pesquisa está organizada em seis capítulos, sendo o primeiro destinado à introdução. O segundo capítulo traz em seu conteúdo uma contextualização dos estudos da tradução e seus conceitos, passando por uma breve explicação da diferença entre intérprete e tradutor de Libras. Logo após, o capítulo apresenta algumas das diferentes maneiras do ato tradutório, como as traduções intralinguais, interlinguais e intersemióticas. Na sequência, considera os artefatos da cultura surda e explana sobre a tradução de músicas para Língua Brasileira de Sinais, foco da pesquisa. Consideramos referências importantes para a temática apresentada no capítulo os

autores Quadros (2007); Strobel (2008); Magalhães (2007); Rigo (2013); Jakobson (1975 E 2010); Schleiermacher (2010); Holmes (2002); Rónai (2009) E Bassnett (2003).

No terceiro capítulo, abordamos o contexto musical e buscamos contextualizá-lo dentro da tradução. Apresentamos as partes que formam o conjunto chamado música e como se dá os desafios para tradutores de música transpor para Libras, de modo que possam preservar todo o conjunto da arte, expressão, emoção, história, cultura e ritmo implícitos na música. Nesses momentos, observamos as seguintes referências: Med (1996); Sá (2016); Copland (1974); Joly (2003); Coelho (1991); Castro (2011); Godoy (2000); Monteiro (2000); Shibata (2001).

No quarto capítulo, apresentamos a metodologia, na qual detalhamos os procedimentos para a análise dos dados, os quais são obtidos por meio de uma atividade de tradução de uma música, detalhada no capítulo mencionado. Para tanto, foi selecionado um vídeo de uma música na Língua Inglesa, que foi traduzida por sinalizantes ouvintes (TILS) e sinalizantes surdos.

Foram convidados para participar da atividade 3 sujeitos surdos e 3 Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais - TILS, os quais realizaram a tradução da mesma música, com objetivo de mostrar diferentes escolhas tradutórias, que, por sua vez, foram analisadas por um sujeito surdo e pela pesquisadora.

O capítulo seguinte é destinado à análise dos dados, com base na fundamentação teórica e na prática tradutória dos sujeitos surdos e ouvintes.

Por fim, destacamos um espaço para as considerações finais, nas quais refletimos sobre a análise dos dados. Verificamos, igualmente, as contribuições que o estudo pode trazer para a área tradutória com enfoque musical, proporcionando aos sujeitos surdos um conhecimento cultural e artístico.

2 ESTUDOS DA TRADUÇÃO

“Estudos da Tradução devem ser entendidos como uma designação coletiva e abrangente para todas as atividades de pesquisa que tem o fenômeno da tradução e do traduzir como sua base ou foco.” (KOLLER, 1971, apud HOLMES, 2004, p. 176).

Neste capítulo abordamos, brevemente, a questão da tradução, que, de acordo com a Língua Latina, significa o ato de *passar de um lado para outro*. Segundo o dicionário online Aurélio há a seguinte definição da palavra “tradução”: “Ato de traduzir; o que se traduz; significação, interpretação e explicação; tradução livre, não literal”¹.

Ainda encontramos outro significado para a palavra no dicionário Michaelis² que a define como

Ação ou efeito de traduzir, transposição ou versão de uma língua para outra; técnica que consiste em traduzir palavra, enunciado, texto, obra etc. falado ou escrito, de uma língua para outra, possibilitando sua compreensão por alguém que não conhece ou não domina a língua em que originalmente o enunciado foi emitido; Obra traduzida; Aquilo que indiretamente expressa ou reflete; imagem, reflexo, repercussão; Ação de tornar claro o significado de algo; explicação, interpretação. (MICHAELIS, 2011).

Ainda, segundo o verbete do dicionário, o ato de traduzir pode ser definido como *conduzir além*, o que se encaixa perfeitamente com a tradução musical, que será enfocada nesse capítulo em função dos objetivos da pesquisa, uma vez que ela vai além da letra, proporcionando sentimentos, emoções e conduzindo a melodia da música até o público alvo, o surdo, na mistura da letra com melodia.

Para Hurtado (2001, p. 41) a tradução é “um processo interpretativo e comunicativo que consiste na reformulação de um texto com os meios de outra língua e que se desenvolve em um contexto social e com uma finalidade determinada”. Nesse sentido, toda tradução tem um objetivo claro. No contexto musical enfocada, o objetivo ao traduzir uma música para Libras é possibilitar ao sujeito surdo o conhecimento da canção apresentada, cultura, arte e emoção.

Observando esses significados, objetivamos no presente estudo analisar o ato tradutório que se dá ao representar uma música em Libras, ou seja, transpor de uma língua para a outra, possibilitando a compreensão da mesma, dando um significado visual para algo que estava em uma língua oral.

¹ Dicionário Aurélio on line. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/traducao>>. Acesso em: 01 Dez. 2017.

² Dicionário Michaelis on line. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 01 Dez. 2017.

Faz-se necessário, inicialmente, contextualizar a tradução, uma vez que apresentamos uma tradução de uma música para Libras, assunto que apresenta opiniões divididas, desde surdos que não compreendem como algo de sua cultura, sendo assim rejeitam essas práticas tradutórias, até aqueles que exploram esse trabalho de tradução musical, o realizando para sua L1. Fica claro que esse assunto divide opiniões e perspectivas, fazendo-se necessária uma investigação mais profunda sobre o tema.

Podemos apresentar diversos tipos de tradução, quais sejam, a intralinguística, intersemiótica, interlingual, automática, entre outras modalidades, as quais, ainda nesse capítulo serão apresentadas.

Sob a luz da linguística, Jakobson (2010, p. 64) em relação ao signo linguístico, refere que “o significado de um signo linguístico não é mais que sua tradução por um outro signo que lhe pode ser substituído”. Assim, os signos linguísticos, na tradução, são substituídos por outros signos dentro da mesma língua, em outra língua ou por signos não-verbais.

Quando uma criança aprende a falar ela está aprendendo a traduzir dentro da sua própria língua. Signos não conhecidos por ela vão sendo apresentados por seus familiares, algumas vezes imitados, outras vezes solicitando alguma explicação. Essa modalidade de tradução é denominada por Jakobson (1975) como intralinguística, sendo que todas as línguas a serem aprendidas passam pela mesma tradução.

Rónai observa que

Ao definirem “tradução”, os dicionários escamoteiam prudentemente esse aspecto e limitam-se a dizer que “traduzir é passar para outra língua”. A comparação mais óbvia é fornecida pela etimologia: em latim, traducere é levar alguém pela mão para o outro lado, para outro lugar. O sujeito deste verbo é o tradutor, o objeto direto, o autor do original a quem o tradutor introduz num ambiente novo [...] Mas a imagem pode ser entendida também de outra maneira, considerando-se que é ao leitor que o tradutor pega pela mão para levá-lo para outro meio linguístico que não o seu. (1976, p. 3-4).

Nesse contexto, podemos observar que a tradução transpõe limites antes contextualizados por “uma língua para outra”. Temos, por exemplo, a interpretação e tradução para Libras que passa a ser um direito adquirido pela Lei nº 12.319/2010³.

De acordo com a referida lei

Art. 2º O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa.

Art. 6º São atribuições do tradutor e intérprete, no exercício de suas competências:

³ Lei de Libras que regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Número 12.319. 2010. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm>. Acesso em: 15 dez 2017.

I - Efetuar comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdos-cegos, surdos-cegos e ouvintes, por meio da Libras para a língua oral e vice-versa. (BRASIL, 2010, p. 01).

Nesse sentido, a Libras se apresenta sendo elemento essencial para comunicação, informação e socialização do sujeito surdo. Sendo assim, a tradução passa a transpor artefatos culturais, como no caso de uma língua oral para uma LS, na qual vários fatores culturais estão envolvidos nesse trabalho. Strobel (2008, p.24), nos apresenta um conceito de cultura surda, na qual “cultura surda é o jeito do sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável, ajustando-os com suas percepções visuais [...]”. Se faz importante compreendermos o significado de cultura surda para o sujeito surdo, uma vez que os artefatos culturais estão enraizados nesta cultura.

Através de leituras visuais o mundo se torna compreensível ao sujeito surdo, desta forma podemos entender que a música ao ser traduzida para língua de sinais, ou seja, se ajustada à percepção visual, se torna compreensível e acessível, também podendo ser aceita dentro da cultura surda, uma vez que está adaptada ao visual?

Ainda, segundo Strobel (2008, p.37), artefatos culturais, não se caracterizam somente por materiais produzidos por um grupo cultural, mas sim “tudo que se vê e sente”, a maneira como o sujeito transforma o mundo a sua volta.

A referida autora cita alguns artefatos que ilustram a cultura surda, quais sejam: Experiência visual; linguístico; familiar; literatura surda; vida social e esportiva; artes visuais; política e materiais. Salientamos que alguns desses artefatos citados vem ao encontro do objetivo da tradução musical para Libras.

No artefato da experiência visual o surdo percebe o mundo de forma diferente, ou seja, através de seus olhos, expandindo para uma leitura facial e corporal. No artefato linguístico a Língua de Sinais é instrumento de transmissão de conhecimento do mundo. A literatura surda nos traz inovações culturais, apresentando poemas, histórias, teatro sinalizado, do mesmo modo, trazendo pinturas, esculturas e teatro para o campo das artes visuais.

Todos esses artefatos culturais mencionados nos direcionam a acrescentar a tradução musical, pois ela, uma vez traduzida, se torna uma experiência visual, na qual a transmissão é realizada em Libras. A letra implícita na canção pode trazer uma inovação cultural. Levantar uma reflexão nesse momento, diante desta contextualização, parece pertinente. Música traduzida para Libras pode ser observada com um artefato cultural ou tema de conhecimento pela comunidade surda?

Segundo Bassnett (2003, p. 9) “a tradução não é somente a transferência de textos de uma língua para outra – ela é hoje corretamente vista como um processo de negociação entre

textos e entre culturas, um processo em que ocorrem todos os tipos de transações mediadas pela figura do tradutor.”

O tradutor ao realizar esse trabalho, passa não somente a se deter em regras linguísticas e gramaticais, por ele estudadas até então. O profissional passa a compreender de forma clara, através de pesquisas ou contatos pessoais, as culturas envolvidas nesse processo tradutório realizando assim as adaptações necessárias para que o trabalho a ser traduzido possa chegar ao público alvo de maneira mais clara possível e sem perder o real significado do mesmo. O tradutor, segundo Rigo (2013, p. 41) é considerado “um mediador cultural”.

Nesse ponto, é necessário fazer uma breve explanação da diferença entre o Tradutor e o Intérprete, a fim de sabermos diferenciá-los, conhecê-los e esclarecer as diferentes funções. Para Schleiermacher (2010), em seu importante texto “Sobre os diferentes métodos da tradução”, o intérprete atua no campo das negociações (oral) e o tradutor no campo da ciência e da arte (escrito). Salientando que estamos nos referindo ao Tradutor Intérprete de Língua de Sinais - TILS. Essas duas modalidades têm diferentes especificidades em seus processos, existindo, assim, uma clara diferença, desconhecida por muitos.

Ainda, para Quadros (2007), o tradutor/intérprete trabalha com pares linguísticos, podendo ser uma língua falada e outra escrita ou gestual, sendo um profissional que atua nas duas atividades, de traduzir e interpretar, dependendo do momento que está exposto, sendo sua função como profissional a de “traduzir e interpretar”.

A Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, regulamenta a profissão de Tradutor Intérprete de Língua de Sinais - TILS, não mencionando distinção entre os dois, quanto a sua formação e atuação, apesar de termos conhecimento que seus processos se diferem. Assim, faremos, no subitem seguinte, as distinções necessárias para um bom entendimento.

2.1 Interpretação

O Intérprete atua de forma simultânea ou consecutiva, oral ou gestual, entre duas línguas com estruturas gramaticais diferentes. Em alguns casos, tem a oportunidade de ter conhecimento prévio do que irá interpretar, recebendo por vezes, protocolo de eventos, aulas que serão ministradas ou slides de conteúdo. O intérprete não tem tempo adicional de estudo ou mediante algum equívoco realizado na interpretação, não tem possibilidade de refazer da maneira correta, a não ser que o mesmo resolva desculpar-se e reformular o sinal. Essa atitude pode acarretar na perda do contexto da palestra, aula ou objeto da interpretação, igualmente enfrenta a dificuldade

de sonoplastia, uma vez que o som, microfone ou dicção envolvidas no evento podem apresentar falhas mecânicas ou humanas.

Em seus trabalhos não existe prazo de entrega, pois ele é imediato. A memória de curto prazo é usada a todo o tempo, bem como as funções cognitivas, exigindo um raciocínio rápido em busca de sinais e estruturas gramaticais da língua de sinais. O mesmo ocorre na interpretação da língua de sinais para a língua oral, na qual o intérprete busca palavras na língua alvo, provavelmente a sua própria língua materna, adaptando sinônimos e estruturas gramaticais que tragam um contexto claro do discurso.

2.2 Tradução

O tradutor atua de uma maneira diferenciada do intérprete, pois tem tempo para desenvolver seu trabalho, pois ele é gravado em vídeo, no caso traduzindo de uma língua oral para uma língua de sinais - LS ou de uma LS para uma língua oral escrita. O profissional tradutor faz quase que em todo momento uso de tecnologias, como por exemplo ferramentas de tradução, pesquisa online de sinais, *youtube*, troca de informações com tradutores/intérpretes de língua de sinais, do país ou fora dele, pesquisas em livros, dicionários e artigos.

2.3 Tipos de Tradução

De acordo com Jakobson (2010, p.81), “uma palavra ou um grupo idiomático de palavras, em suma, uma unidade de código do mais alto nível, só pode ser plenamente interpretada por meio de uma combinação equivalente de unidades de código, isto é, por meio de uma mensagem referente a essa unidade de código”. Para o autor, existem três tipos de tradução, as quais veremos a seguir, dando maior ênfase à tradução interlingual que é nosso foco de estudo no presente trabalho.

2.3.1 Tradução Intralingual

Segundo Jakobson, (1975, p. 65), “a tradução intralingual de uma palavra utiliza outra palavra, mais ou menos sinônima, ou recorre a um circunlóquio. Entretanto, via de regra, quem diz sinonímia não diz equivalência completa [...]”.

A Tradução Intralingual, trata-se de uma tradução dentro de uma mesma língua. Em qual situação esse processo pode ocorrer? Imaginamos um diálogo ocorrendo entre um médico e seu

paciente. O médico por sua vez, muito técnico, usa termos que fazem parte do meio social em que ele está inserido, sua cultura e conhecimentos científicos, estudados pelo mesmo, para explicar ao seu paciente a doença que foi diagnosticada através de seus exames. O paciente, por sua vez, não compreende o que lhe está sendo colocado a respeito de si mesmo. Então, o médico precisa falar da maneira que fique claro ao seu paciente realizando assim, ele mesmo, uma tradução dos termos usados anteriormente adaptados a uma cultura e classe social diferente da sua. A equivalência nesse caso não ocorre, uma vez que termos técnicos podem abranger amplos significados e possibilidades que, ao serem transpostos para outro nível linguístico, perde-se essas amplas possibilidades.

O texto original, em uma determinada língua, a qual vamos chamar de Língua X, é decodificado, ou seja, substituído por signos similares, os quais o interlocutor recebe, tendo o texto final na mesma língua X. Observe o esquema:



Fonte: A autora (2018).

Observe, na imagem a seguir, alguns exemplos de tradução Intralingual.



Fonte: A autora (2018).

⁴ Fonte: Google Imagens de Bíblias. Disponível em <www.google.com.br/search?q=biblias&dcr=0&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiVwP6fgp7aAhVDHZAKHXT3BuwQ_AUICygC>. Acesso em: 05 jan. 2018.

Podemos observar diversas traduções da Bíblia dentro da Língua Portuguesa, apresentando diferentes colocações linguísticas, a fim de atingir o público alvo, determinado por cada uma delas.

2.3.2 Tradução Interlingual

De acordo com Percília (2018), a língua é um código e na tradução interlingual tratamos de dois códigos diferentes e duas mensagens que tentam equivaler-se.

Diferente da tradução intralingual, a tradução interlingual vai tratar de uma interpretação de signos verbais de uma língua para outra língua, oral ou gestual. Tomamos como exemplo a tradução de um texto escrito em Língua Portuguesa, uma língua oral, para a língua de sinais, uma língua gestual.

Podemos distinguir também a tradução literal e a tradução do sentido. Ao trabalhar uma tradução literal podemos realizar um trabalho de “palavra por palavra”, esta tradução ao ser trazida para outra língua perde em qualidade, contexto e clareza. Esse fato se dá por estarmos falando de duas línguas diferentes, com estruturas gramaticais diferentes e palavras que, por sua vez, na língua fonte tem um significado e na língua alvo, muitas vezes, nem mesmo existem.

Já, ao trabalharmos com a tradução do sentido, consideramos que o resultado pode ser um trabalho mais claro, o qual, embora subjetivo, poderá apresentar-se melhor elaborado. Como exemplo, temos a análise do próprio *corpus* desse trabalho, no qual encontraremos TILS e sujeitos surdos que utilizarão a tradução de sentido e outros que utilizarão a tradução literal.

Quando se trata de uma tradução de uma língua oral para a língua de sinais podemos usar a técnica interpretativa de Explanação, a qual aplica-se um sinal e o contextualiza.

No *corpus* do presente estudo, a tradução de uma música para língua de sinais, podemos usar a tradução de sentido e explanação em diversos momentos para obtermos um resultado mais satisfatório para o sujeito surdo, que ao receber essa tradução nos dará um *feedback* em suas expressões e, com o passar do tempo, em um futuro próximo, desejamos ver surdos demonstrando interesse em apreciar a arte musical, em shows e concertos. No momento que isso acontecer, saberemos que os limites teóricos e técnicos da tradução foram transpostos, os tabus foram quebrados e a tradução musical está sendo realizada com excelência em seu conjunto completo, tanto do significado musical, quanto na emoção que a música deseja transmitir.

O que tem influenciado diversos tradutores até o presente momento a pensarem e adotarem essa postura ao realizar seus trabalhos, foi o conceito apresentado por Cícero (106 a.C.

- 43 a.C.) e Horácio (65 a.C. - 8 a.C.), sendo os primeiros a abordarem essa distinção entre a tradução literária e do sentido.

O tradutor de Língua de Sinais, ao trabalhar com a tradução de sentido, deve estar qualificado e fluente na língua alvo, a fim de encontrar possíveis sinais que possibilitem uma melhor compreensão. Algumas vezes, durante o trabalho tradutório, o TILS observa o sujeito surdo distraído durante uma canção ou franzindo a testa, sinais de que a compreensão não está devidamente clara, ou que aquele assunto ele não pensa ser pertinente para ele. Pelo contrário, quando observamos no sujeito surdo uma maior atenção, expressões suaves, alegres, interação, então poderemos deduzir que a compreensão está clara. Apesar dessa leitura não ter embasamento teórico, e ser algo que se trata apenas de uma percepção por parte do TILS, pensamos ser importante considerar esses *feedbacks* do sujeito surdo.

Passar a ideia completa do texto original, no nosso caso da música, exige um conhecimento excelente da língua alvo, não forçando assim algo mecânico e cheio de técnicas tradutórias, mas que fazem a naturalidade da obra se perder. Segundo Jakobson (1975, pg.65), “o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte”.

Nesse trabalho tão rico em detalhes que é o de traduzir uma música, o tradutor, além de estar de acordo com sua vontade de realizá-lo, dizemos isso pois existem diversos profissionais que não se sentem confortáveis ao traduzirem canções preferindo não aceitar determinadas demandas, deve atentar para alguns cuidados ao desenvolver seu trabalho, os quais iremos abordar.

Observamos que o tradutor deve estar atento para o sentido da música a qual está traduzindo, pois muitas vezes existem colocações verbais que podem não ser compreendidas, ou que necessitam de uma leitura investigativa da letra, pesquisando sinônimos e referências sobre determinada terminologia.

Logo mais, na análise dos dados da pesquisa, observaremos em qual momento do trabalho identificamos essa tradução poética e como reflete na clareza da tradução musical.

O tradutor deve ter fluência na língua fonte, a língua em que a música está, e a língua alvo. No presente trabalho, temos a música original em língua fonte Inglesa, e a língua alvo Libras. Contamos com o recurso da legenda em Língua Portuguesa escrita, para que os voluntários a realizar essa tradução para análise do trabalho desenvolvido possam realizá-lo.

Entende-se que o tradutor ao manter a coerência e harmonia entre os sinais e as expressões corporais e faciais, juntamente com significado musical, conseguirá de forma mais objetiva atingir com eficácia o público alvo, a comunidade surda. Nesse sentido, questionamos

a coerência e harmonia entre os sinais, as expressões corporais e faciais juntamente com o significado musical. Conseguirá de forma mais objetiva alcançar o resultado esperado?

Vejamos alguns exemplos de traduções Interlinguais da Bíblia:

Ilustração 3 - Tradução Interlingual⁵.



Fonte: Fonte: A autora (2018).

Observamos, então, a tradução da Bíblia em diversas línguas, sendo elas, Hebraico, Latim e inglesa, demonstrando um exemplo claro no que se refere a esta modalidade tradutória.

2.3.3 A Tradução Intersemiótica

A tradução intersemiótica pode ser definida, de acordo com Jakobson (1975, p. 64-65), “como a transmutação de uma obra de um sistema de signos a outro”. É a tradução de signos verbais para signos não-verbais, como exemplo um filme que é transformado em história em quadrinhos. Igualmente ocorre entre dois sistemas não-verbais, como por exemplo, entre música e dança ou música e pintura. A grosso modo, entende-se como um filme que se traduz em desenho ou um livro que vira filme, e, mais ainda, um texto que se traduz em um desenho, muitas vezes desacompanhado de palavras.

A busca por equivalência nesse processo procura elementos que se assemelhem aos signos fonte, ficando mais objetiva a clareza do sentido a ser transmitido e quando se faz esse trabalho do verbal para o visual não é possível traduzir tudo, por isso explorar o sentido do texto fonte se torna essencial. O tradutor desta modalidade precisa encontrar a coerência e a coesão, essenciais em um texto, ao recriar o significado original e, da mesma forma já vista nas outras modalidades tradutórias, não conseguimos uma equivalência total entre o texto fonte e alvo.

⁵ Fonte: Google imagens. Disponível em www.google.com.br/search?q=pergaminho+hebraico&dcr=0&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUK Ewi90eLexKDaAhWDGJAKHT-vB08Q_AUICigB&biw=1366&bih=638#imgrc=70vHuDNyRQ5cLM:> Acesso em: 20 jan. 2018.

Essa afirmação é corroborada por Diniz, quando refere que

Toda tradução irá, portanto, oferecer sempre algo além ou aquém do chamado original, e o sucesso não dependerá apenas da criatividade nem da habilidade, mas das decisões tomadas pelo tradutor, seja sacrificando algo, ou encontrando a todo custo um equivalente. (1999, p. 90)

Segue abaixo figuras que servem como exemplo da tradução Intersemiótica, relatando o texto original Bíblico sobre a crucificação de Cristo:

Ilustração 4- Tradução Intersemiótica⁶.



Fonte: Fonte: A autora (2018).

Para contextualização do ato de traduzir, mencionaremos a seguir a tradução automática e a interpretação simultânea e consecutiva.

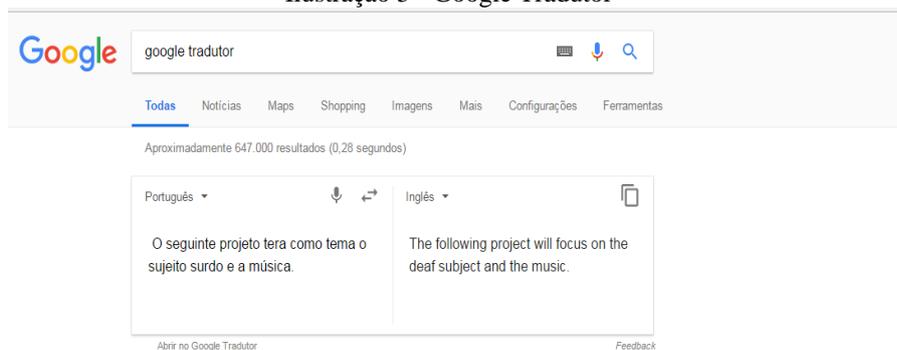
2.3.4 Tradução Automática

Esse tipo de tradução é compreendida por meio de computadores e programas, sejam eles elaborados para grandes empresas ou de uso pessoal, pagos ou gratuitos, quase sem interferência humana no trabalho desenvolvido, por haver pessoas que realizam revisão da tradução automática.

Podemos colocar como exemplo o Google Tradutor, no qual seleciona-se a língua do texto fonte e, logo após a escolha da língua do texto alvo e o computador realiza o trabalho. Temos ainda o PRODEAF, que traduz para língua de sinais.

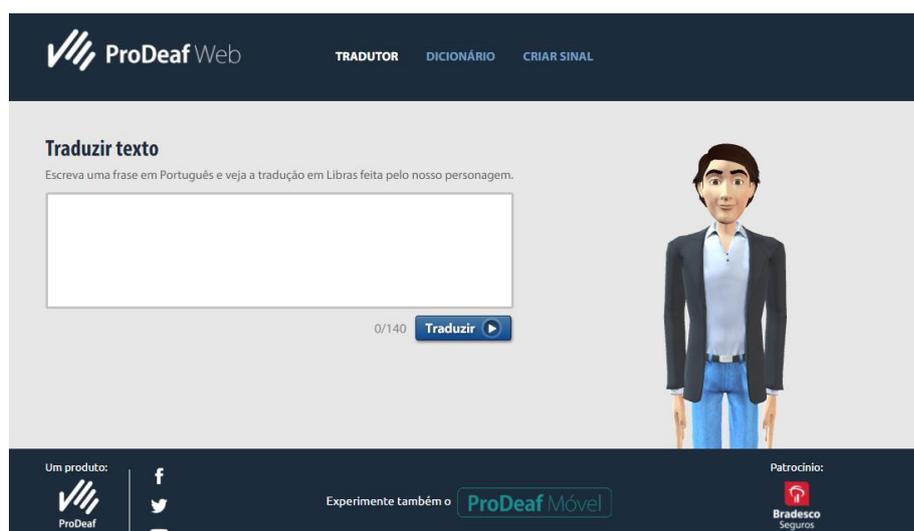
⁶ Fonte: Google imagens. Disponível em www.google.com.br/search?q=filme+paixão+de+cristo&dcr=0&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjAvc_Cx6DaAhUCI5AKHV_ADZAQ_AUICygC&biw=1366&bih=638#imgrc=5QYO1ApHMoXSEM: > Acesso em: 20 jan. 2018.

Ilustração 5 - Google Tradutor⁷



Fonte: Fonte: A autora (2018).

Ilustração 6: ProDeafWeb⁸



Fonte: Fonte: A autora (2018).

Ambos os programas possuem limitações, pois eles são programados e não conseguem lidar com signos específicos de algum gênero, como comédia, palavras específicas de alguma área ou jogo de palavras.

2.3.5 Interpretação Simultânea e Consecutiva

Segundo Ewandro Magalhães (2007, p. 44), “o intérprete vai repetindo na língua de chegada cada palavra ou ideia apresentada pelo palestrante na língua de partida”.

Em todo trabalho interpretativo, como tradutório, o TILS precisa ter fluência nas línguas com as quais está trabalhando. Na interpretação simultânea não é diferente e, além disso, o TILS

⁷ Fonte: Google. Disponível em <<https://translate.google.com/?hl=pt-BR>> Acesso em: 10 jan. 2018.

⁸ Fonte: Google. Disponível em <<http://web.prodeaf.net/Tradutor>> Acesso em: 10 jan. 2018.

precisa ter algumas habilidades tais como, boa memória de curto prazo, destreza, rapidez, concentração. Alguns materiais tecnológicos, como cabine, ponto de som, câmera, luz, auxiliam o trabalho.

Quando falamos de interpretação consecutiva, Magalhães (2007, p. 44) diz que “a pessoa que tem a palavra faz pausas periódicas em sua fala, a fim de permitir que o intérprete faça o translado da língua original (língua-fonte ou língua de partida) à língua dos ouvintes (língua-meta ou língua de chegada)”. O intérprete traduz partes do discurso, não seguindo o palestrante, não é necessário também materiais tecnológicos.

Em ambas as interpretações é fundamental ter conhecimento prévio do texto a ser trabalhado, o protocolo do evento, slides, para que o profissional possa realizar um trabalho de melhor qualidade. Infelizmente, esses materiais prévios não são disponibilizados na grande maioria dos casos, não de forma intencional, mas por falta de conhecimento dos organizadores em compreenderem o papel do TILS e que esses recursos irão proporcionar uma melhor qualidade da tradução.

Existem debates sobre tradução entre línguas diferentes e pontos a serem considerados que julgamos ser importante abordar nesse estudo, como, por exemplo, a importância de passar para a língua alvo a ideia completa da obra, conservando toda a naturalidade do original. A tradução literal, então, não se encaixaria de uma forma precisa, pois signos que estão na língua fonte precisam de sinônimos para a língua alvo, se assim não for, perde-se em coerência e clareza do objetivo, o que já foi mencionado.

Buscar uma fidelidade de contexto com autonomia torna-se indispensável, conhecer com fluências as duas línguas envolvidas é imprescindível, pois somente deste modo conseguiremos manter uma ideia próxima ao original. A equivalência entre as duas línguas é algo a se obter, sendo que os signos têm valores em seus significados que precisam ser mantidos, pois devem expressar seu objetivo e emoção, sejam eles em palavras gestos e expressões.

Temos como exemplo a palavra SAUDADE na Língua Portuguesa, cujo valor desse signo não se pode equivaler a outro em outra língua. No Inglês, fala-se I MISS YOU, mas não tem o mesmo valor que SAUDADE. A emoção que envolve esse signo não tem como ser traduzida, apenas compreendida, perdendo-se na equivalência. Para Jakobson (2010, p. 82), “a equivalência na diferença é o problema principal da linguagem e a principal preocupação da linguística”.

Os níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático das línguas possuem organizações diferentes, uma mesma mensagem ao ser traduzida precisa estar

correspondente a esses níveis e a outra cultura exigindo uma ação cognitiva de total consciência e responsabilidade do profissional.

Diante desses desafios, quais técnicas tradutórias poderiam auxiliar no trabalho de tradução de uma música? Como transmitir a emoção contida na melodia que acompanha a letra? É importante referir que o ato de traduzir música não se limita a conhecimentos técnicos e linguísticos, embora sejam de extrema importância, sem os quais seria impossível desenvolvermos técnicas tradutórias excelentes. Entretanto, é essencial salientar que invadimos o campo da arte, a emoção implícita na música e sua cultura, evidenciando focos específicos, além de fronteiras sociais e vivências por parte dos TILS. Por esse motivo, nesse estudo apresentamos uma pesquisa que será realizada com sujeitos surdos e tradutores brasileiros, ao responderem um questionário e traduzirem uma canção da Língua Inglesa, com legendas em Língua Portuguesa, para a Libras, estaremos, então, tratando de uma tradução da tradução, sobre essas questões em relação a escolha musical e como isso influencia o produto final, poderemos observar na explanação metodológica.

3 TRADUÇÃO DE MÚSICA

“A música é a arte de combinar os sons simultânea e sucessivamente, com ordem, equilíbrio e proporção dentro do tempo”. (MED, 1996, p. 11).

Nesse capítulo, apresentamos o conceito de música e contextualizamos dentro da tradução para a língua de sinais. Igualmente, dialogamos sobre o questionamento: como levar essa experiência, que transmite além de história e cultura, um bem-estar interior ao surdo, de maneira interessante e encantadora, sem que o mesmo se sinta inferiorizado por não possuir a audição, mas que ao contrário, viva novas experiências ressaltando suas potencialidades?

Segundo o dicionário Aurélio online⁹, música é a Organização de sons com intenções estéticas, artísticas ou lúdicas, variáveis de acordo com o autor, com a zona geográfica, com a época, etc. Arte e técnica de combinar os sons de forma melodiosa. Composição ou obra musical. Execução de uma peça musical.

A música sofre a variação em sua letra, melodia e ritmo de acordo com o local, ou ao tema que ela quer se referir e até mesmo homenagear. Temos ritmos característicos de cada estado do nosso país, como, por exemplo, a música gaúcha no Rio Grande do Sul, o frevo do Recife e o samba do Rio de Janeiro. Se temos essas variações regionais, como uma língua, a exemplo da Libras e suas variações, podemos considerar que a música representa a cultura de um povo de uma determinada época.

A letra, em si, sem a presença da melodia, pode ser considerada um poema, uma história, uma narrativa. No momento em que os instrumentos fazem a harmonia e coloca-se a melodia, cria-se um conjunto, uma obra artística, que passa ao seu público toda emoção desse conjunto. E como cita o dicionário usado em referência, muitas vezes, a música é executada em peças musicais, contando a sua letra ou de fundo em peças teatrais.

A música contém intenções estéticas, pode-se dizer que é um poema melódico, assim sendo, observaremos algumas questões de cunho poético adaptado ao contexto musical.

No momento que um tradutor está realizando a tradução de uma música, em determinados pontos da canção, ela se repete, como por exemplo no refrão¹⁰. Essa repetição dos sinais, enfoca o destaque nas traduções, tomando forma lúdica e poética, apresentando resultados estéticos.

⁹ Dicionário Aurélio on line. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

¹⁰ De acordo com o dicionário Aurélio, pode-se definir refrão como “verso ou versos que se repetem no fim de cada estrofe; palavra ou expressão que se repete; frase, geralmente curta, que encerra uma moral ou um ensinamento; parte de certas peças musicais que se repete”. Disponível em <<https://dicionariodoaurelio.com/busca.php?q=ref%C3%A3o>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

Machado (2013) nos leva a refletir que a repetição de sinais nas traduções dita a rima de uma poesia, ou no nosso contexto, o andamento de uma canção, o sincronismo rítmico da mesma, apresentando assim um recurso estético. De acordo com a autora, rima e repetição acabam por produzir construções poéticas com significados múltiplos e de caráter emotivo.

Quando Cervellini (2003, p. 74), descreve o conceito de música, a autora salienta que “do ponto de vista da estética, ela é abordada sob o ângulo dos efeitos que produz no homem – sensações, emoções, sentimentos ou ideias que pode provocar.” A emoção a ser transmitida nesse trabalho tradutório está ligado ao belo, ritmo, poesia e sincronismo.

O sujeito surdo compreendendo esse conjunto, sendo exposto a informações sobre o contexto musical, poderá transpor o entendimento léxico e ser provocado a sentir a emoção desconstruindo conceitos contraditórios.

Para Klamt (2014, p. 38) “a concretização de um poema passa por diversas escolhas no que se refere ao andamento dos versos, à cadência das estrofes, ao metro, à rima etc. A junção de todos esses fatores contribui para o ritmo global do poema”.

Nesse sentido, as escolhas tradutórias, poderão trazer diferentes leituras sobre o andamento da tradução musical, como podemos perceber, tanto na poesia, quanto em uma canção, esses fatores contribuem para o fechamento de um trabalho satisfatório.

De acordo com Med (1996, p.9), “a arte se revela por meio de expressões, é a revelação do belo.” Essas artes se dividem em Artes Visuais, Sonoras e Combinadas. Nas artes visuais, sua percepção é completa, não necessitando de um intérprete para contextualizá-la, ela já “salta aos olhos”. Sob essa ótica, podemos entender aqui a Libras, em seu contexto artístico.

A música é composta pela Melodia, a Harmonia, o Contraponto e o Ritmo. O conjunto destes conceitos nos dará a música, que por sua vez produz o som, perceptível através das ondas sonoras que se propagam atingindo a membrana do tímpano, que vibra e se torna perceptível pelos ouvintes. Essas vibrações são levadas ao cérebro, onde o som é decodificado em seus diferentes tipos. Ou seja, o som só é percebido através do cérebro.

Como poderíamos representar esse som, em língua de sinais? Observamos que Glennie (2008) conceitua som em língua de sinais no sentido de que

Ouvir é basicamente uma forma especializada de toque. O som é, simplesmente, o ar vibrando que o ouvido colhe e converte em sinais elétricos e que, então, são interpretados pelo cérebro. A sensação do ouvir não é o único sentido que pode fazer isto, o toque pode fazer isto demasiado. Se você estiver em uma estrada e um caminhão grande passar por perto, você ouve ou sente a vibração? A resposta é ambos. Com a vibração de frequências muito graves o ouvido começa a se transformar ineficiente e o resto do sentido do toque do corpo começa a dominar. Por alguma razão nós tendemos a fazer uma distinção entre o ouvir um som e o sentir uma vibração, que na realidade são a mesma coisa. É interessante notar que na língua italiana esta distinção

não existe. O verbo "sentire" significa ouvir e o mesmo verbo na forma refletiva "sentirsi" significa sentir. A surdez não significa que você não pode ouvir, apenas que há algo errado com o ouvido. Mesmo alguém que é totalmente surdo pode ainda ouvir/sentir sons. (apud RIBEIRO 2013, p.37).

Desta forma compreendemos que sentir uma vibração está diretamente ligado ao som, pois ambos são afins. Nesse sentido, nesta pesquisa utilizaremos os termos som/vibrar/sentir a música.

O sujeito surdo pode não possuir o sentido da audição, mas poderá sentir a música através da vibração e ter a compreensão do sentido e letra através do movimento corporal dos que executam a música e do tradutor de língua de sinais.

Haguiara-Cervellini (2003, p. 79) refere que

As músicas, além dos ouvidos, podem também ser sentidas pela pele e pelos ossos de partes do corpo humano: A pele é o órgão dos sentidos mais vital. Pode-se viver sem audição, visão, olfato, paladar, mas é impossível viver sem a pele. A pele estabelece os limites do corpo, propiciando sua relação com o mundo exterior. É, portanto, um meio de comunicação fundamental com o outro. Ela funciona como um canal de transmissão geral. Daqui se depreende que os sons possam afetar o sujeito também por essa via. E, beneficiando-se dela, o sujeito surdo pode, então, usufruir desse mundo sonoro e reagir a ele. Ouvir com todo o corpo, entrar em sintonia com as vibrações sonoras mediante toda extensão pericorporal é possível ao surdo, bem como ao ouvinte. O conjunto perceptivo multissensorial permite-lhe a vivência musical e, assim, cria canais para a manifestação de sua própria musicalidade. (apud RIBEIRO, 2013, p. 36).

A expressão “ouvir com todo o corpo”, da referida citação, traz ao sujeito surdo um leque de possibilidades para desfrutar da música, apresentando conceitos novos à comunidade surda, no que se refere a esse assunto, modificando conceitos, abrindo novas possibilidades, novos horizontes, e principalmente quebrando paradigmas.

Nós todos de forma geral somos assim, a medida que nos apropriamos de conhecimento, reformulamos nossos pensamentos e atitudes acerca de determinado assunto, acrescentando novos valores pessoais e sociais.

Podemos entender melodia como o encadeamento harmonioso e bonito de sons musicais. Com origem no grego *meloidia*, uma melodia é uma sucessão rítmica de tons em diferentes intervalos, e que é regrada pelo ritmo. Pode ser uma composição musical suave para uma voz ou coro, ou um poema que é cantado. Apesar disso, uma melodia não precisa ter acompanhamento musical ¹¹. Ainda pode-se definir como uma sucessão coerente de sons e silêncios, que se desenvolvem em uma sequência linear com identidade própria.

¹¹ Disponível em <<http://www.significados.com.br/melodia/>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

Ainda, entendemos que os sons que formam a melodia possuem quase sempre durações diferentes. Este jogo de durações diferentes é o ritmo¹².

Podemos observar, nesse sentido, que a melodia não está diretamente ligada ao som, ainda assim, apresenta intervalos diferenciados de tempo, sequência e características próprias ligadas ao ritmo, que conceituaremos na sequência. Deste modo, a melodia em língua de sinais caracteriza-se pelos sinais produzidos durante a interpretação, com sequências lógicas e coerentes com intervalos ou pausas nas sinalizações marcando o tempo da música sinalizada.

A harmonia é conceituada¹³ como “uma concordância; equilíbrio, ordem, acordo, concórdia, consonância. A harmonia também é a arte de compor os sons simultaneamente”.

No momento em que estamos sinalizando uma canção, precisamos apresentar coerência dos fatos, sequência lógica de acontecimentos, ou seja, precisa haver concordância lexical. Ao buscarmos essa ordem na tradução, produzimos sinais simultâneos, uma simetria marcante, essa simetria é algo que se traduz em concordância com o conceito de harmonia apresentado e sendo compreendida assim em língua de sinais. Como observa Machado (2013, p. 107) “a simetria integra de forma marcante as produções poéticas na Libras, sendo usada como recurso que traduz harmonia na poesia em língua de sinais.”

Na sequência, apresentaremos o conceito de simetria e como ele nos remete a estética apresentada nessas traduções.

O contraponto, por sua vez, é conceituado na música como uma técnica usada na composição, na qual duas ou mais vozes melódicas são compostas levando-se em conta, simultaneamente: 1) o perfil melódico de cada uma delas; e 2) a qualidade intervalar e harmônica gerada pela sobreposição das duas ou mais melodias¹⁴. Ainda, designa uma arte ou técnica de composição musical que consiste na sobreposição de várias vozes ou linhas de melodia, as quais apesar de conservarem a sua independência, estão integradas harmonicamente no conjunto¹⁵.

Klamt (2014, p.37), menciona o conceito de ritmo de Benveniste: “[o ritmo] é a forma do movimento que o corpo humano executa na dança, e a disposição das figuras nas quais se resolve esse movimento”.

Ao observarmos esse conceito apontamos que o ritmo faz relação direta com o corpo, este por sua vez é percebido como instrumento atribuído de ritmo. Nosso corpo apresenta movimentos em todo o tempo, esses se reproduzem e se repetem constantemente. Existem os movimentos conscientes, que são aqueles os quais exercemos controle sobre eles, por exemplo,

¹² Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Melodia>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

¹³ Disponível em <<https://www.significados.com.br/harmonia/>>. Acesso em: 07 mai. 18.

¹⁴ Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Contraponto_\(m%C3%BAAsica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Contraponto_(m%C3%BAAsica))>. Acesso em: 27 abr. 2018.

¹⁵ Disponível em <<http://knoow.net/arteseletras/musica/contraponto/>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

quando mexemos o braço em alguma direção, e existem os movimentos inconscientes, como o piscar dos olhos, ambos possuem espaço de tempo e organização. Desta forma, nosso corpo possui o ritmo cotidiano.

Ao produzirmos a língua de sinais, o corpo se organiza em movimentos, alternados, constantes e repetitivos. Essa produção específica na música, a qual sinalizamos a letra de maneira poética, apresenta uma organização de início, meio e fim, a qual volta a se repetir. Esse ciclo repetitivo é o ritmo, que volta e se recria em si mesmo.

VALLI (1993) observa que

O ritmo é percebido em uma sequência de eventos, quando se repetem regularmente de tal modo que os intervalos de tempo que eles ocupam são sentidos por serem quase iguais uns aos outros ou simétricos. A experiência está ligada à emoção e muitas vezes dá uma sensação de equilíbrio. A rima e a métrica também organizam o ritmo em alguns padrões específicos e formais para auxiliar no fluxo. O ritmo na poesia em ASL usa o corpo e o espaço e é criado de várias formas: alguns contornos do movimento, assimilação, movimentos alternados, mudança de um sinal, lateralidade, duração do movimento e tamanho do movimento. (apud Klamt, 2014, p.40, tradução de Klamt)”.

Na citação acima, a autora se refere ao ritmo na poesia. Nesta pesquisa nos referimos ao ritmo na tradução de música para língua de sinais, a qual, em sua letra, não deixa de ser um poema. Ao sinalizar uma canção o uso do espaço, e movimentos corporais, repetição de sinais, locação, expressões corporais e faciais, velocidade, classificadores e intensidade justifica o ritmo e a possível emoção transmitida.

O som, por sua vez, tem suas características: a altura, a duração, a intensidade e o timbre. Podemos dizer que dele depende como nosso ouvido receberá a música, os momentos em que a música será mais intensa, mais suave, mais alta ou mais baixa. Normalmente, esse som entra em concordância com a letra, quando o compositor quer dar maior ou menor ênfase em determinado ponto.

Leite (2008, p. 186), observa que em Libras esse aumento de volume é caracterizado pelo “aumento do volume do sinal, por meio de uma realização mais ampla, isto é, um deslocamento maior no espaço”. Observa-se, também, a desaceleração da fala, em que a voz se apresenta mais baixa, sendo que em Libras compreende-se a “desaceleração da fala por meio de alongamentos prolongados [...]”. Então, podemos dizer que em determinados momentos da música o tradutor perceberá a necessidade de produzir um movimento mais ou menos intenso, estando de acordo com a intensidade ou volume que a música apresenta.

Anteriormente, mencionou-se a existência da simetria em língua de sinais. No momento da sinalização, usa-se o espaço de forma tridimensional, isso significa que, os sinais executados naquele momento podem ser observados em três dimensões, profundidade, largura e altura.

Esses articulam-se no espaço de sinalização, construindo diferentes maneira de combiná-los nas diferentes dimensões. Como nos apresenta Machado (2013, p. 71), “nas línguas de sinais a simetria pode ser empregada de forma que seja possível explorar o espaço de sinalização tridimensionalmente e compor os sinais, articulando-os e relacionando-os esteticamente.”

Ao realizarmos um determinado sinal na tradução musical, ele apresentará seu significado, podendo esse estar sendo executado com regras, combinação, suavidade ou agressividade e local de sinalização, esse conjunto nos traz a ideia de um sentido dentro da estética, podendo esse transmitir alegria, tristeza, força, questionamento, ou seja, as emoções transmitidas através da sinalização musical.

Para melhor compreendermos esse conceito de estética em língua de sinais, vamos observar o que Machado nos apresenta.

A estética está relacionada ao subjetivo, ao interior do poeta que reflete e que representa imagens mentalmente, internalizando-as e, em seguida, expressando-as de forma poética. A estética favorece a subjetividade criativa, a inspiração e a imaginação e, empregada nas poesias sinalizadas, geralmente está associada aos aspectos culturais e linguísticos relativos aos Surdos. (2013, p. 59).

A estética está relacionada à maneira que o tradutor faz suas sinalizações, uma vez que este tem implícito em si, seu conhecimento e experiência de mundo, influenciando em sua maneira de transmitir a mensagem. Se este tradutor for surdo, podemos acrescentar que sua sinalização apresentará características de sua cultura e identidade. Essas produções estéticas em língua de sinais, estão ligadas à sensibilidade e percepção visual, os sinais são envolventes, e a maneira que o tradutor os reproduz provocam os sentimentos e emoções do público alvo. No momento em que a música está sendo executada com mais ênfase, o tradutor produz sua sinalização com mais ênfase também, usando de recursos como mais força, na execução do sinal, expressões faciais e corporais mais intensas, a fim de que o surdo compreenda que aquele momento está se destacando na canção, trazendo para língua de sinais a altura, intensidade, suavidade, alegria, tristeza, sentimentos e emoções implícitos na música.

Nesse sentido, a estética está interligada à sensibilidade na língua de sinais, como nos remete Machado (2013, p. 59) “do termo grego *aisthesis* derivou-se a palavra estética cujo significado está ligado à sensibilidade, ao deleite ou à percepção sensível”.

De acordo com o que refere Copland (1974, p. 158) “[...]quase todo fato musical implica em três fatores distintos: um compositor, um intérprete e um ouvinte”, cada qual desses citados tem seu papel fundamental dentro da música para que a mesma chegue ao seu objetivo final, o receptor, seja ele surdo ou ouvinte, enfim, o sujeito que vai apreciar a música.

O compositor é aquele que cria a canção, letra, ritmo, melodia e afins, em sua composição está implícita sua personalidade, sua leitura de mundo, sua história, seu conhecimento e cultura. O intérprete é o que vai executar a música, seja ele um instrumentista ou um cantor, que por sua vez, carrega sua personalidade e maneira de ver a canção, e colocará esse conjunto em sua interpretação. O público alvo é o objetivo, o que vai ser tocado, o que vai apreciar o conjunto da obra.

Na arte sonora, encontramos apenas uma parte da música, a outra parte seria a letra, o som só pode ser percebido se tiver alguém que o execute, ele depende de um intérprete, nesse contexto aquele que canta ou toca um instrumento. Temos, então, a arte combinada, por exemplo, a dança, que envolve o artístico de uma coreografia, com música, letra e com o intérprete, nesse caso, os bailarinos. E esses, por sua vez, além de estudar precisam ter talento e domínio do seu instrumento, o corpo.

Observando o contexto, acrescentamos um segundo intérprete, o tradutor em Libras, e nosso público alvo, o sujeito surdo. O autor se refere ao intérprete como aquele que executa a música, mas, para o estudo em questão, o intérprete será o TILS e o receptor será o sujeito surdo.

A música, segundo JOLY (2003, p. 113), “modifica os impulsos cerebrais, contribuindo para diferentes padrões emocionais e cognitivos”. A música sinalizada é perceptível no campo visual do surdo, refletindo sobre este fator, nos questionamos se em conjunto com uma tradução bem executada, poderá proporcionar diversos sentimentos a este indivíduo, mexendo com suas emoções?

Coelho entende que

o canto é uma forma de comunicação pelo toque. A energia enviada pelo cantor por intermédio das vibrações sonoras de sua voz “toca” de forma fisicamente mecânica o tímpano do ouvinte. Mas não só o tímpano. Todo o corpo do cantor é uma fonte sonora esférica e todo o corpo do ouvinte é um receptor sonoro imerso no campo dessas vibrações. Assim sendo, falar/cantar e escutar é uma espécie de “toque absoluto”. (1991, p. 20).

Esse “toque absoluto”, não limita o surdo a apreciar a música somente pela visão, mas abre um leque de opções, no qual todo seu corpo pode sentir a música, sentir sua emoção, sentir as vibrações, muitas vezes essas percepções se tornam mais intensas ao surdo do que ao ouvinte. Como nos refere Sá (2016, p. 10)

As pessoas surdas podem perceber o ritmo, a dinâmica da música, o timbre do cantor, as vibrações, mas tudo isto tem que ser apresentado num contexto significativo, não num contexto mecânico, dificultoso, obrigatório. Muito pode ser feito pela junção de música e dança, de música e teatro. A música pode ser muito útil nas manifestações culturais dos surdos, como o teatro, a mímica, o humor (a maioria destas manifestações

são também pensadas para os ouvintes apreciarem, o que é natural, visto que vivemos numa sociedade de diferentes). Os surdos devem entender que a música provoca (mais) emoções nos ouvintes, e estas emoções podem ser entendidas pelos surdos.

Observe um exemplo: aquele que venda seus olhos e faz uma caminhada, tentando compreender como é o caminhar de uma pessoa cega, logo perceberá que as “coisas” onde pisa se tornam mais sensitivas aos seus pés, uma pedrinha, uma folha, pode-se, inclusive, escutar o som de uma folha estalando embaixo de seus pés.

Da mesma forma, o surdo que está em um show musical, com presença de intérprete de Libras, uma acústica ideal do local, e, por vezes, até piso de madeira, e poderá sentir as vibrações, o vibrar da canção que se unirá a tradução, proporcionando assim um conjunto de sensações e compreensão musical muito diferente da qual o ouvinte, que já está habituado a todo esse contexto, não percebe.

Sá (2016, p.1) refere que “conhecer música” é um direito que os surdos têm, mas que “compete aos profissionais da área convencê-los, encantá-los, atraí-los para a importância deste artefato cultural das comunidades ouvintes”.

Os tradutores de músicas não podem se equivocar e prever que os surdos tenham a mesma experiência musical que os ouvintes. Contudo, não se pode também pensar que o surdo está alheio a essas experiências culturais, assim, os tradutores ouvintes, por mais que tenham fluência e conhecimento cultural da língua de sinais, não possuem a mesma maneira visual de ler o mundo como os surdos. Por isso, compartilhar experiências entre eles é compartilhar cultura e conhecimento.

Como, então, os tradutores de Libras podem desenvolver uma tradução musical com o máximo de equivalência possível, afim de que o surdo compartilhe essa experiência, não só do significado teórico da letra musical, mas também o pulsar e a emoção que o conjunto da obra deseja transmitir?

Copland (1974, p. 160) afirma que “o intérprete é o intermediário da música”. Diante dessa expressão, podemos perceber o papel fundamental de uma tradução de qualidade e entrega, ao traduzir uma canção, não estará o tradutor apenas com a responsabilidade teórica em suas mãos, mas com toda a história da construção dessa canção, com a personalidade e história de uma pessoa, seu compositor, com o sincronismo com o ritmo, com a emoção melódica. O sujeito surdo poderá ter uma percepção visual de qualidade quando a tradução for capaz de transmitir o que existe de implícito na música? A teoria parece simples, mas não é o que ocorre na prática.

A grande maioria dos tradutores de Libras, que se dispõe a traduzir música, seja ela em um momento que ele possa estudar a canção para depois gravá-la, seja em um congresso com a

tradução dos hinos, seja em um show musical ou na igreja, possuem um conhecimento dos fatores teóricos da tradução, técnicas já estudadas, clareza de sinais, uso de classificadores e incorporações de sinais. Contudo, em alguns casos deixam a desejar na entrega rítmica, expressões corporais e faciais e emoção, permitindo assim que a essência musical se perca, que a dramaturgia dessa arte seja despercebida e recebida pelo sujeito surdo como algo sem significado.

Os tradutores possuem a liberdade de escolha tradutórias, então, realmente a técnica não é um problema e volta-se a repetir, o estudo, técnicas e formação é indispensável para realizar um trabalho de qualidade. Por outro lado, a música é algo vivo, por esse motivo ela possui várias formas de interpretação e leitura, preservar as características da canção é fundamental para que o surdo reconheça claramente o significado real da letra e a emoção contida.

Pensamos que existam perfis profissionais de TILS, uns se encaixam e se sentem confortáveis em sala de aula, outros em palestras, outros na política. Existem TILS que admiram e se identificam musicalmente, se deixam envolver, possuem sensibilidade musical, esses têm perfil para traduzir esta arte.

Segundo o Código de Ética da FEBRAPILS¹⁶, em seu Cap. III, art. 5º diz que

O TILS e GI devem aceitar serviços utilizando a prudência em aspectos relacionados com seu nível de competência linguística, tradutória e referencial, bem como o modo de comunicação, as circunstâncias e as necessidades dos clientes. (FEBRAPILS, 2014, p. 5).

Sendo assim, os TILS profissionais podem e devem aceitar trabalhos na área da tradução musical, sendo de sua competência linguística, mas, por outro lado, o mesmo Código de Ética em seu Cap. IV, art. 11, diz que “o TILS e GI devem declinar de serviços quando se julgar incapaz de executá-los”. Podemos interpretar a palavra “incapaz”, como algo do gênero “não se sinta confortável ou não é do seu perfil”, tendo a possibilidade de negar o trabalho de uma tradução musical, pois estamos nos aprofundando em uma arte a ser transmitida e podemos encontrar profissionais que não se encaixam neste perfil, e são excelentes em outros contextos.

Castro entende que

Evidenciar a riqueza da música por meio da letra, de forma teatral, interessante, procurar transmitir o ritmo e o sentimento enraizado na música de forma tal que se sinta essa emoção, adaptar a música à realidade cultural do Surdo, são desafios enormes para o tradutor e intérprete de LIBRAS. (2011, p. 3)

¹⁶ Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/269229940/Codigo-de-Etica-Febrapils>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

Um exemplo dessa tradução teatral está em um canal do Youtube na internet, um vídeo feito por Sean Forbes¹⁷ um surdo dos Estados Unidos, que mesclou, em sua interpretação da música “I’m Deaf”, o ritmo das mãos com o ritmo da música, cujo estilo era o pop. Ele também cantava e interpretou a letra de forma dinâmica, simétrica e rítmica. O ritmo da música é feito pelo movimento do corpo e das mãos, entre outros, como já conceituado anteriormente. As emoções que a música traz, com a expressão corporal e facial, podem ser utilizadas de uma forma teatral, teoricamente, prenderá mais a atenção do sujeito surdo. Pode-se, também, interpretar personagens com o corpo para expressar e transmitir o sentido da música.

Outros dois exemplos observados de intérpretes que apresentam uma boa performance em interpretação de músicas em língua de sinais de acordo com surdos é o americano Stephen Torrence¹⁸ em Língua Americana de Sinais (ASL) e a brasileira Natalia Romera¹⁹ em Libras, com muitos vídeos na internet, no ambiente do Youtube. Ambos exploram a riqueza linguística que a língua de sinais possui, de forma rítmica e criativa, seguindo cada um com sua especificidade ao se expressar, suas expressões estão sempre em conformidade com o sentido que querem exprimir.

É notório que existem tipos diferentes de intérpretes, há os poéticos e musicais, há aqueles que são ótimos em palestras, seminários. Ainda, há intérpretes do contexto religioso, educativo, entre outros. Muitos surdos apreciam uma interpretação que contenha uma forma teatral juntamente com a língua de sinais, pois isso deixa mais clara a mensagem que a música quer transmitir.

A criatividade do intérprete pode assumir variadas formas. Podem ser utilizados cenários e imagens que deem vida à música, por exemplo. Uma possibilidade de valorizar a interpretação musical em Libras também é o uso de edição de vídeo, no qual se pode trabalhar a interpretação com ângulos favoráveis e diferentes, concomitantemente, ou não, com imagens e legendas.

A música nos traz aprendizados, físicos e mentais, e é uma oportunidade de aprendizado cultural e convívio em sociedade, pois ela é a arte e quando representada em LS, se existisse o termo “arte sob arte”, seria maravilhosamente bem encaixado nesse contexto. A música como arte faz parte da comunicação social, experiências de vida e cultura de um povo.

Miles (1990) nos apresenta conceito sobre arte em sinais

Arte em sinais talvez possa ser definida como sinais que foram planejados para criar melhor efeito. No entanto, contadores de histórias, tomadores de fala, pregadores e assim por diante, muitas vezes produzem espontânea arte em sinais de diferentes

¹⁷ Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=E5l-2Jo14cQ>>. Acesso em: 08 mar. 2018.

¹⁸ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=m6YsWSNlrgY>>. Acesso em: 08 mar. 2018.

¹⁹ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=cupTwG4nRg8>>. Acesso em: 08 mar. 2018.

maneiras. Contadores de histórias e pregadores podem, por exemplo, usar mais classificadores e troca de papéis; tomadores de fala podem efetivamente preferir colocação, ênfase e repetição. Certos indivíduos são conhecidos por fazer todo mundo rir com o seu jogo de sinais ou mudanças de função vivas. Esses exemplos sugerem que cada usuário fluente de BSL é um poeta em potencial (apud Klamt, 2018, p.26, tradução de Klamt).

A arte em Libras apresenta uma sinalização diferenciada, criativa e espontânea. Seus movimentos são livres e intensificados, as mãos articulam com as expressões faciais e corporais, como se de alguma forma pudessem dançar em sua execução. Desta forma, o público alvo recebe as informações de uma maneira descontraída, longe da formalidade presente em outros momentos do dia a dia. A arte sinalizada transmite espontaneidade, emoção e conteúdo.

Godoy colabora referindo que

A arte é o elemento possibilitador da transgressão, da superação dos limites e das regras. A arte escapa a qualquer censura. A arte nos remete à liberdade, à autoestima, a arte não tem limites, não tem barreiras a não ser a do preconceito, da exclusão da justiça. A arte desconhece diferenças, desconhece limites e, por isso mesmo, coloca-nos a todos em pé de igualdade. (2000, p. 39).

De acordo com o autor, a música enquanto arte tem todo esse poder transformador, quebrando regras, barreiras e limites, muitas vezes esse último imposto por nós mesmos, ao diferenciarmos e escolhermos as possibilidades de vivências que o surdo pode ou não ter, que combinem com a cultura surda ou não. Ao aceitarmos as possibilidades oferecidas pela música, nos libertamos de paradigmas impostos pela falta de informações, informações essas que, por muitas vezes, não chega até a comunidade surda ou chega de maneira equivocada.

Ao longo dos anos os surdos vêm quebrando barreiras e transpondo limites impostos pela sociedade e a questão da música parece ser mais uma barreira a ser vencida. Será a falta de dedicação profissional de um tradutor que faz o surdo não encontrar diferença entre uma música ou um texto interpretado? Será o preconceito formado de que “o surdo não entende música”, assim como “não compreende o Português”, que deixa os profissionais acomodados? Se buscarem uma dedicação maior, tempo de análise e pesquisa sobre a canção, com estratégias que essas traduções exigem, o resultado seria diferenciado?

A maneira como o ouvinte recebe a música não é padrão, mas proporcionar o máximo de possibilidades de compreensão musical ao surdo talvez seja a chave para um começo que nos fará quebrar barreiras e preconceitos impostos, muitas vezes por falta de conhecimento e informação.

Mas como transpor esses limites e traduzir de uma forma que desperte o encantamento, as emoções, o conhecimento implícito na música?

Algo que prejudica esse trabalho, de acordo com Castro, são os vícios cometidos por tradutores. Segundo o autor

Esses são vícios que vêm sendo cometidos por muitos intérpretes e que podem ser sinalizados nas interpretações musicais (a língua de sinais em relação com a estrutura gramatical da Língua Portuguesa), o que denota uma falta de preocupação e/ou conhecimento, por parte desses profissionais, com o entendimento do surdo sobre a interpretação da música. (2011, p. 2).

Esses vícios são compreendidos pelo uso do Português sinalizado, no qual não existe um estudo prévio da música a ser trabalhada, mas somente se faz a tradução da letra “palavra-sinal”, sem apresentar o contexto real a ser transmitido, ou falta de expressões faciais e corporais, como se o tradutor fosse mecanizado, salientando a falta de preocupação em buscar conhecimento cultural da canção apresentada por parte dos profissionais.

As opiniões se diferem entre os que fazem parte da comunidade surda e conhecem sua cultura, intérpretes e surdos, que apreciam a tradução de uma música, outros que não apreciam essa prática. Entre essas divergentes opiniões, encontramos surdos e ouvintes que têm suas publicações e canais em redes sociais realizando esse trabalho, como poderá se observar mais adiante na pesquisa aplicada nesse estudo.

O YouTube, contexto dessa investigação, é um site que possibilita aos internautas compartilharem vídeos em formato digitalizado. Nessa lógica esse espaço virtual pode ser entendido como uma instância cultural onde se ensinam coisas, produzem-se valores, representações, saberes, potencializando a noção de uma pedagogia cultural. Portanto pode-se pensar o YouTube como um espaço de produção de identidades surdas, possibilitando também outras formas de interpretação e representação da condição surda. (Pinheiro, 2012, p. 7).

Essa rede social supracitada nos possibilita observar produções surdas que apresentam estratégias para difundir sua cultura, significando o mundo através da língua de sinais, produzindo sua identidade, pensamentos e conhecimento aos observadores.

Nesta produção de significados, por meio de redes sociais, os sujeitos surdos apontam seu modo de ser e compreender o mundo. Essa ferramenta midiática se torna um local de troca de conhecimentos, ideias e aprendizados. O *youtube* apresenta característica produtiva, articulando relações, nas quais os surdos fazem disfunção de seus artefatos, promovendo um espaço cultural, humorístico, educador, artístico e político. Nesse espaço descrito, está incluída a tradução de música para língua de sinais. Nessa ferramenta *online*, os surdos constituem valores, produções, significados e visão de mundo.

Strobel (2008) vem trazendo uma publicação, na qual coloca sua forte análise sobre um grupo de surdos, que vem marcados por sua deficiência e a sociedade tenta normalizá-los. A

autora fala ainda sobre como o mundo pode ser modificado através das percepções visuais do sujeito surdo e cita 8 artefatos culturais, já mencionados no capítulo anterior, que trazem em seu conceito “*a experiência visual, que constitui os surdos como indivíduos que percebem o mundo através de seus olhos*”. Entre eles, a Experiência Visual, a qual nos remete a um questionamento: se a Experiência Visual é um artefato da cultura surda, e através dela o surdo pode se constituir como sujeito e fazer a leitura do mundo, então ele pode viver a experiência de uma música traduzida em Libras, com sua emoção, e percepção, porque, ainda assim, existe resistência de alguns surdos com essa experiência?

Castro (2011, p. 4) define que “o surdo, diante de uma música que esteja sendo cantada por alguém, não ouvirá sua voz, mas sentirá o ritmo, que compreenderá através das vibrações detectadas pelo seu corpo”. Nosso corpo é um instrumento completo da comunicação e percepção, conseguimos perceber através de expressões corporais e faciais se uma pessoa está feliz, triste, com pressa ou preocupada. Com a música não é diferente, ao apreciarmos visualmente um intérprete da música, percebemos através dessas expressões se ele está entregue à canção, vivenciando cada palavra cantada ou cada acorde tocado no seu instrumento. Desta forma, o tradutor de LS transmite todos esses fatores através de seu trabalho, na intensidade de um sinal, na movimentação corporal e facial.

O surdo, por sua vez, não ouve a canção, mas seus olhos captam todos esses sinais visuais do conjunto exposto, seu corpo e sua pele sentem o ritmo, as batidas mais graves que o som da música produz batem dentro de seu peito. E essa batida sozinha não significará nada, realmente, se não estiver acompanhada de uma boa e dedicada tradução em Libras, transmitindo uma percepção visual diferenciada, na qual o contexto do que está sendo traduzido se funde com o conjunto da arte apresentada.

De acordo com Monteiro (2000, p. 7), “a palavra RITMO, designa aquilo que flui, que se move, movimento regulado”. Nosso corpo possui movimentos regulados, trabalha de forma ritmada a cada batida do nosso coração, dentro de cada um está o ritmo. Em determinado momento acelera, mediante uma emoção ou se desacelera quando o corpo está em repouso. É algo natural do ser humano independente de sua condição física.

As batidas de nosso coração são entendidas por pulsação, logo mais apresentaremos o conceito segundo o autor. Podemos, então, perceber que a Língua de Sinais é ritmada, em seu movimento, ora suave, ora forte, ora rápido, ora lento. Ao sinalizar, o ritmo está em cada movimento realizado.

Monteiro (2000, p. 9) entende que “cada pessoa tem características próprias, portanto tem seu ritmo próprio, que surge integrado ao seu estilo pessoal”. Ao descobrir o ritmo implícito

em nós, descobre-se o próprio corpo, seu equilíbrio e movimentos, desenvolvendo a criatividade do indivíduo, em suas expressões, liberdade de movimentos e sua coordenação.

Nesse sentido, os tradutores de música para língua de sinais têm seu próprio ritmo, ligado à sua personalidade e escolhas tradutórias, os quais determinam a sinalização, se ela será mais ou menos expressiva. Tratando-se de uma tradução musical, é extremamente necessário que essas expressões manuais e não-manuais tenham forte expressividade, para, assim, transmitir a arte musical em sua emoção. Monteiro (2000, p. 18) comenta que “a expressão do movimento é a interpretação da música em forma dinâmica, vigorosa e rítmica”.

A pulsação nada mais é do que as batidas do nosso coração, podemos perceber isso ao colocar nosso dedo indicador em nosso pescoço. Como a música, ritmo e pulsação se encaixam em nosso contexto? Quando somos expostos a um som alto e temos a impressão que nosso peito treme, parece que algo está ligado dentro de nós? Isso pode ser percebido de igual modo por surdos e ouvintes. Dessa forma, o que sentimos vibrar dentro de nós, sendo que sentimos nossas batidas cardíacas aumentarem, aumentando assim nossa pulsação, e desta forma recebemos em nosso corpo uma descarga emocional.

Sobre essa afirmação Monteiro (2000, p. 19) refere que “o ritmo é a vibração[...], a pulsação é o elemento regulador do ritmo [...], a marcação do pulso de uma música surge naturalmente”. O mesmo autor (2000, p. 17) complementa afirmando que “as vibrações rítmicas expressam música, sons, batidas de palmas, etc. Elas despertam emoções, acalmam, excitam, deprimem, diminuem tensões”.

Procurar a maneira de transmitir através de sinalizações musicais esse conjunto de emoções, que fazem nosso pulsar acelerar, que nos causam sensações diversas, parece ser um grande desafio, e, ao mesmo tempo, um trabalho a ser desenvolvido para que o sujeito surdo quebre seus tabus musicais e tenha realização ao apreciar essas sinalizações musicais, compreendendo essa arte histórica e cultural em sua essência completa.

Diversas pesquisas científicas foram realizadas sobre a questão de como o surdo sente a música. Na pesquisa apresentada por Shibata (2001), apresentada durante a 87^o Assembleia Científica e Encontro Anual da Sociedade de Radiologia da América do Norte²⁰, nos traz ao conhecimento que a área do cérebro usada por um ouvinte ao escutar uma canção é a mesma área usada pelo surdo ao sentir vibrações sonoras.

De acordo com o autor

²⁰ Revista virtual EMEDIX. Cérebros de Surdos se adaptam para ‘sentir’ a música. Nov. 2001. Disponível em:< <http://emedix.uol.com.br/not/not2001/01nov27neu-uwbod-surdez.php>.> Acesso 02 abr. 2018.

As descobertas sugerem que a experiência que os surdos têm quando ‘sentem’ a música é similar à experiência de ouvir música para outras pessoas sem essa condição. A percepção das vibrações musicais pelos surdos é tão real quanto seu equivalente sonoro por serem ambos processados na mesma região do cérebro, afirmou Dr. Dean Shibata, professor de radiologia na Universidade de Washington e autor do estudo. A informação relativa a vibração tem essencialmente as mesmas características que a informação sonora –faz sentido, portanto, que para os surdos uma modalidade possa substituir a outra na mesma região cerebral. (SHIBATA, 2001).

Podemos conceituar, então, que o surdo “sente” a música, faz uma leitura da mesma em conjunto com uma boa tradução em LS, permitindo-se quebrar paradigmas de que o surdo não compreende a música e não gosta de música. A música vai além do som, existem diversas formas de “ouvir”, “ler”, “apreciar”, “desfrutar”, “visualizar” a música, todos os sentidos corporais trabalham em favor disso, podemos, assim, ver a música de uma forma diferente da qual a sociedade nos impôs. Sentir sua vibração, visualizar sua letra e captar sua emoção se torna o fechamento de uma arte possível a todos, sem normatizações, sem concertos, sem paradigmas.

Se faz necessária a compreensão de que a música não é uma arte criada especialmente para pessoas ouvintes, mas sim para todos, de uma forma mais objetiva, todos que são capazes de sentir vibrações, pois a música é inerente ao ser humano. Uma tradução com dedicação do profissional, com expressões excelentes, incorporações, ritmo, movimento, se faz necessária para chegar ao objetivo de transmitir a essência completa da música ao sujeito surdo.

Para Ribeiro,

[...] há Surdos que odeiam a música, pelo fato de não ouvir, mas há Surdos que amam a música, pois sentem vibração através do seu corpo. Existem Surdos que entendem a música, pela sua leitura visual e uma memória gráfico-linguística das letras ou das partituras musicais e outros que nem querem entendê-la. Há Surdos que se emocionam com a música, pelo fato de que as mãos podem expressar e cantar. Há Surdos que jamais passarão por uma experiência de sentir prazer na presença de alguma peça musical, através de sentir o ritmo e a vibração. (2013, p.33).

A música tem um poder expressivo, um significado em sua constituição, algo que ela quer nos dizer, nos ensinar. Entregar-se a ela, sem tabus, sem preconceitos, sem teorias, sentir seus efeitos emocionais, desfrutar dessa maravilhosa sensação, é permitir-se algo novo, algo que estamos trabalhando nesse estudo, a fim de provocar o desafio de uma tradução bem elaborada, detalhada e aprofundada, bem como desmistificar que surdo e música não combinam, que essa experiência musical é possível a todos, independente de sua condição auditiva.

4 METODOLOGIA

A presente pesquisa apresenta-se como um estudo de caso, de caráter qualitativo. Optou-se por essa abordagem por entender que há um déficit no processo de interpretação no que tange à transmissão das emoções contidas nas músicas e na compreensão do conjunto da obra em si e por entender que essa é a maneira de, colocando os intérpretes em ação, observar essas situações.

Para a análise dos dados, escolheu-se para o *corpus* da pesquisa a música que tem por título original "Where's the Line to See Jesus?²¹ (Full Version)", com duração de 3m43s, interpretada por Becky Kelley, com tradução em Língua Portuguesa para "Onde está a fila para ver Jesus?²²", com legendas em Língua Portuguesa, não disponibilizado o nome do tradutor dessas.

Para participar da atividade foram convidados 3 sujeitos surdos e 3 TILS. A música foi interpretada pelos TILS e pelos sujeitos surdos, com objetivo de mostrar diferentes escolhas tradutórias, que foram analisadas por um sujeito surdo e pela pesquisadora.

Após essa atividade, os sujeitos surdos e ouvintes foram convidados a responder um questionário, contendo os seguintes questionamentos: 1) Qual seu nome e idade? 2) Qual sua profissão? 3) Você é surdo ou ouvinte? 4) Quantos anos você exerce essa profissão? 5) Qual sua análise sobre tradução de música para língua de sinais? 6) Que dificuldades encontrou ao traduzir esse vídeo? 7) Que estratégias e técnicas usou para realizar essa tradução? 8) Em sua opinião qual a maneira adequada de transmitir a emoção que a música deseja passar? 9) Se você é surdo, o que falta nas traduções musicais realizadas por ouvintes e o que você pode aprender com ela? 10) Se você é ouvinte, o que falta nas traduções musicais realizadas por surdos e o que você pode aprender com elas.

Após essa etapa foi realizada uma análise das versões por um sujeito surdo, que não tenha traduzido a música, com o objetivo de verificar a percepção dos surdos na tradução para língua de sinais, quanto à coerência com a letra, simetria ou seja, a sequência lógica, intensidade de expressões e movimentos, o sentir, as emoções como alegria, tristeza, reflexão, suavidade e agressividade. Estes pontos de avaliação estão em equivalência com os modos relacionados no início deste capítulo. Poderíamos ter realizado uma análise mais profunda e detalhada devido a riqueza de conteúdo dos mesmos, contudo o limite de tempo impossibilitou esse melhor detalhamento.

²¹ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=F8YDK1KyuuE&t=8s>>. Acesso em 03 nov. 17.

Em paralelo com a análise do sujeito surdo, a pesquisadora realizou uma comparação entre a tradução feita pelos tradutores ouvintes e pelos tradutores surdos, com objetivo de analisar as diferentes escolhas tradutórias, verificando se existem estratégias diferenciadas nessas escolhas. Do mesmo modo, será observado o questionário respondido pelos tradutores.

Observamos, ainda, que estamos trabalhando com uma tradução de tradução, uma vez que o vídeo original se apresenta na Língua Inglesa e sua tradução legendada na Língua Portuguesa. Nesse processo algumas informações da canção podem ter sido omitidas ou excluídas, mas, no presente estudo, não iremos analisar a tradução da língua fonte para a língua escrita em Língua Portuguesa, pois nosso objetivo se concentra na tradução da Língua Portuguesa para Libras.

A análise dos dados se dará da seguinte forma: um sujeito surdo, não sendo o mesmo que realizou a tradução, será convidado para avaliar os vídeos da música, que estarão disponibilizados juntamente com o questionário a seguir em forma de *link* do You Tube. Após a visualização dos vídeos, o sujeito surdo, irá analisá-los de acordo com os seguintes critérios: 1) Quanto à melodia a compreensão do sentido da música, sendo que a mesma contém uma história a ser transmitida, foi clara? 2) Quanto à harmonia, ficou perceptível a simetria na tradução, ou seja, a sequência lógica dos fatos? 3) Quanto ao ritmo, foi demonstrado intensidade nos movimentos ou expressões, ou poderia ter sido melhor? 4) Quanto ao som, que sentimento a tradução lhe causou? Você conseguiu sentir a música? 5) Quanto à estética, quais foram as emoções transmitidas na tradução? Alegria, tristeza, reflexão, agressividade, suavidade? E quais as estratégias usadas pelo tradutor que possibilitou ao sujeito surdo sentir a emoção contida na música?

Dando continuidade à análise dos dados a pesquisadora, com base nos questionários e vídeos traduzidos, responderá aos seguintes questionamentos. 1) Quais os elementos presentes nas traduções que diferenciam se o trabalho foi realizado por surdo ou ouvinte? 2) Na análise da pesquisadora, os tradutores, alcançaram o objetivo da pesquisa? Em seus trabalhos estão presentes os termos melodia, harmonia, ritmo, estética e som, em Libras, apresentados nesta pesquisa? 3) Na análise da pesquisadora, o que pode ser percebido com a avaliação dos questionários?

A pesquisadora, observando individualmente os vídeos, fez a avaliação referente aos questionamentos supracitados, elaborando uma análise em forma de texto, de acordo com os objetivos do estudo e a fundamentação teórica apresentada na pesquisa.

Os dados levantados pelo sujeito surdo ao observar os vídeos e responder aos questionários enviados a ele, foram devolvidos à pesquisadora para a finalização da análise.

Esse levantamento não foi filmado em língua de sinais, mas escrito em Língua Portuguesa e, por se tratar de um sujeito surdo, na estrutura gramatical de Libras, o que fez com que a pesquisadora traduzisse o texto para a estrutura formal da Língua Portuguesa, mantendo no questionário original as questões respondidas pelo sujeito surdo, as quais podem ser observadas em anexo.

Unificando a análise da pesquisadora e a do sujeito surdo, obteremos a confirmação, ou não, da hipótese dessa pesquisa. Refletiremos sobre o resultado dessas análises nas considerações finais do estudo, refletindo sobre os seguintes questionamentos: Será a falta de dedicação profissional de um tradutor, que faz o surdo não encontrar diferença entre uma música ou um texto interpretado? Será o preconceito formado de que “o surdo não entende música”, assim como “não compreende o Português”, que deixa os profissionais acomodados? Se buscarem uma dedicação maior, tempo de análise e pesquisa sobre a canção, com estratégias que essas traduções exigem, o resultado seria diferenciado? Como transmitir a emoção contida na melodia que acompanha a letra e levar essa experiência, que transmite além de história e cultura, um bem-estar interior ao surdo, de maneira interessante e encantadora, sem que o mesmo se sinta inferiorizado por não possuir a audição, mas que ao contrário, viva novas experiências ressaltando suas potencialidades? A música ao ser traduzida para língua de sinais é ajustada a compreensão visual, tornando-se acessível, podendo ser aceita na cultura surda? Se a Experiência Visual é um artefato da cultura surda, e através dela o surdo pode se constituir como sujeito e fazer a leitura do mundo, então ele pode viver a experiência de uma música traduzida em Libras e, assim, essa tradução ser considerada um artefato cultural?

5 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo apresentaremos a análise dos dados da pesquisa, quanto ao sujeito surdo e sua percepção sobre a tradução musical para Língua Brasileira de Sinais e a análise da pesquisadora e suas observações em relação às traduções e questionários apresentados na pesquisa.

No corpus desta pesquisa apresentamos um vídeo original o qual foi traduzido por seis tradutores, três por sinalizantes surdos e três por sinalizantes ouvintes. Diante desta organização dos dados, apresentamos a análise nas questões propostas. Segue a tabela relacionando os vídeos e tradutores.

Tabela 1 – Relação de vídeos e tradutores.

VÍDEO	TRADUTOR	NOME
Versão 1	Ouvinte	J.M
Versão 2	Ouvinte	F.M
Versão 3	Surdo	P.M
Versão 4	Ouvinte	R.A
Versão 5	Surdo	V.N
Versão 6	Surdo	L.P

Fonte: Fonte: A autora (2018).

5.1 Análise realizada pelo sujeito surdo²³

1) Quanto à melodia, a compreensão do sentido da música, sendo que a mesma contém uma história a ser transmitida, foi clara?

Versão 1, conforme tabela.

Esta é a minha tradução preferida, a melodia ficou perfeita. Percebo que ele é tradutor ouvinte.

O recurso da imagem do vídeo ao fundo auxiliou muito na compreensão.

Versão 2, conforme tabela.

²³ Tradução do questionário realizada pela pesquisadora. Em anexo a versão original respondida pelo sujeito surdo.

A compreensão do sentido da música foi clara, uma vez que a tradutora é ouvinte, (esse fato não foi mencionado pela pesquisadora, a surda conhece a TILS) conseguindo assim ouvir a música.

Versão 3, conforme tabela.

Esse tradutor é surdo e usa implante coclear, ele mesmo se sente um deficiente auditivo. A melodia foi transmitida friamente, talvez por fazer uso excessivo da leitura da legenda.

Versão 4, conforme tabela.

A história da música foi transmitida com clareza.

Versão 5, conforme tabela.

Muito boa a compreensão do sentido da música neste vídeo, melhor que os demais, com exceção do primeiro.

Versão 6, conforme a tabela.

A melodia, compreensão foi transmitida com clareza, um pouco prejudicada pela edição, que aparece cortes no vídeo.

2) Quanto à harmonia, ficou perceptível a simetria na tradução, ou seja, a sequência lógica dos fatos?

Versão 1, conforme a tabela.

O tradutor é profissional, simetria perfeita.

Versão 2, conforme a tabela.

A simetria ficou perfeitamente perceptível na tradução.

Versão 3, conforme a tabela.

Teoricamente, sim, mas não precisava fazer tradução acompanhando a legenda.

Versão 4, conforme a tabela.

A tradutora é ouvinte, demonstrando em sua tradução uma sequência lógica coerente.

Versão 5, conforme a tabela.

Não tenho certeza se o tradutor é surdo, mas a simetria na tradução foi muito boa.

Versão 6, conforme a tabela.

A simetria da tradutora surda ficou de boa qualidade, ela se despreendeu do texto, o que fez com que ela transmitisse segurança.

3) Quanto ao ritmo, foi demonstrado intensidade nos movimentos ou expressões, ou poderia ter sido melhor?

Versão 1, conforme a tabela.

O ritmo foi executado de forma perfeita pelo profissional. Penso que esse vídeo poderia ser publicado em todas as mídias quando se aproximar o Natal, em dezembro, porque as mídias omitem muitas informações.

Versão 2, conforme a tabela.

Quanto aos movimentos e expressões, poderiam ter ficado mais claros se a tradutora optasse por estar dentro dos padrões da janela de interpretação. Ao lado aparecem duas listas pretas, o que prejudicou a visualização dos movimentos.

Versão 3, conforme a tabela.

Apenas o suficiente, faltou usar criatividade e soltar os movimentos.

Versão 4, conforme a tabela.

A tradutora apresenta um ritmo suave em seus movimentos, como se estivesse trabalhando com crianças, poderia explorar mais sua criatividade para o público alvo em geral.

Versão 5, conforme a tabela.

Ele apresentou um ritmo musical muito bom, seus movimentos e expressões estavam perfeitos.

Versão 6, conforme a tabela.

Quanto ao ritmo, ele ficou prejudicado por ter escolhido realizar uma tradução lenta e longa. Eu, particularmente, prefiro traduções com mais intensidade nos movimentos.

4) Quanto ao som, que sentimento a tradução lhe causou? Você conseguiu sentir a música?

Versão 1, conforme a tabela.

O volume do meu note é baixo para poder sentir a vibração, se eu estivesse usando meu aparelho auditivo compreenderia melhor, mas a minha percepção visual foi maravilhosa.

Versão 2, conforme a tabela.

Sim, consegui sentir a música, percebi a vibração suavemente. Com o uso de aparelho auditivo, penso ter sentido melhor.

Versão 3, conforme a tabela.

Não pude perceber.

Versão 4, conforme a tabela.

Apenas percebi sua tradução, não consegui perceber uma transmissão de sentimento.

Versão 5, conforme a tabela.

Consegui sentir a música, o tradutor transmite sinais naturais e lentos, conseguindo transmitir a emoção.

Versão 6, conforme a tabela.

Consegui sentir a música por ela estar totalmente desprendida da legenda, isso lhe deixou livre na tradução.

5) Quanto à estética, quais foram as emoções transmitidas na tradução? Alegria, tristeza, reflexão, agressividade, suavidade? E quais as estratégias usadas pelo tradutor que possibilitou ao sujeito surdo sentir a emoção contida na música?

Versão 1, conforme a tabela.

Tradutor extremamente profissional, com alegria mostra a emoção de sabermos onde está Jesus. Sinaliza com suavidade, as crianças podem compreender e aprender o significado verdadeiro do Natal.

Versão 2, conforme a tabela.

A música trouxe-me a uma reflexão, uma emoção suave, em que refleti sobre a pergunta do menino: Onde está Jesus?

Versão 3, conforme a tabela.

Pela falta de qualificação e postura profissional do tradutor, impossibilitou a transmissão da emoção, aparentando uma tristeza em todo tempo.

Versão 4, conforme a tabela.

Poderia ter usado mais criatividade em seus movimentos, ter maiores expressões, mas, mesmo assim, com suavidade, ela conseguiu demonstrar algumas emoções, como alegria e reflexão.

Versão 5, conforme a tabela.

O tradutor sinalizou de uma maneira que as emoções foram transmitidas de uma forma positiva. A reflexão e alegria foram os principais pontos.

Versão 6, conforme a tabela.

Percebi que ela transmitiu tristeza, escolheu um vídeo sem cor, deu impressão de muita seriedade. Percebo melhor os sentimentos com cores alegres e ambiente criativo.

Diante das colocações apresentadas na análise do sujeito surdo, podemos perceber que existem estratégias de sinalização que detêm maior atenção do mesmo, indicando preferências por vídeos traduzidos que contenham imagens ao fundo. Quanto ao ritmo, observou-se que tradutores que apresentam dedicação em suas expressões faciais e corporais, transmitem com maior clareza o sentido e compreensão da música.

Assim como havíamos observado anteriormente segundo Machado (2013) em acordo com a autora, rima e repetição acabam por produzir construções poéticas com significados múltiplos e de caráter emotivo. Bem como Cervellini (2003, p. 74), que descreve o conceito de música, a autora salienta que “do ponto de vista da estética, ela é abordada sob o ângulo dos efeitos que produz no homem – sensações, emoções, sentimentos ou ideias que pode provocar.”

O surdo relata, por várias vezes, que no vídeo não consegue perceber a vibração da música, o que nos leva a refletir, que, possivelmente, em uma apresentação musical ao vivo, por exemplo, ou em um local que apresente som alto, essa vibração que o corpo do sujeito surdo percebe é uma ferramenta importante para a transmissão da emoção. O conjunto de fatores, quais sejam, segurança na sinalização, recursos visuais, expressões de forte marcação, vibração, coerência com a letra da música, corroboram com a ideia de que o surdo pode se emocionar com a tradução de uma música, desde que esses fatores sejam apresentados no trabalho.

A vibração, o sentir a música então se apresenta por diversas vezes durante as análises, como anteriormente referido por SHIBATA (2001)

As descobertas sugerem que a experiência que os surdos têm quando ‘sentem’ a música é similar à experiência de ouvir música para outras pessoas sem essa condição. A percepção das vibrações musicais pelos surdos é tão real quanto seu equivalente sonoro por serem ambos processados na mesma região do cérebro, afirmou Dr. Dean Shibata, professor de radiologia na Universidade de Washington e autor do estudo. A informação relativa a vibração tem essencialmente as mesmas características que a informação sonora –faz sentido, portanto, que para os surdos uma modalidade possa substituir a outra na mesma região cerebral. (SHIBATA, 2001).

5.1 Análise realizada pela pesquisadora

a) Quais os elementos presentes nas traduções que diferenciam se o trabalho foi realizado por surdo ou ouvinte?

Ao observarmos as traduções realizadas nas seis versões, quanto às escolhas tradutórias dos sinalizantes, e suas diferentes estratégias, percebeu-se que:

Entre os tradutores ouvintes, foi empregado, como estratégia na versão1, a opção por colocar janela tradutória no vídeo original, utilizando, desta forma, o recurso visual das imagens contidas no vídeo. Salientamos, também, o fato de o tradutor aparecer na tela e em alguns instantes desaparecer, voltando a aparecer. Esse recurso é empregado para que a atenção seja direcionada com mais ênfase no momento do seu reaparecimento. O mesmo tradutor interagiu com as imagens de fundo, incorporando seu trabalho aos personagens, e, ao final do vídeo, apresenta um questionamento, voltando sua atenção ao público que o assiste, trazendo uma reflexão do tema central da canção.

A versão 2 apresenta forte característica de expressões faciais e ênfase em alguns sinais, executando com força, em concordância com os momentos em que a música cresce, ou seja, no seu refrão. Neste exemplo, temos a tradutora sinalizando CORAÇÃO, com intensa expressão facial e corporal, dando ênfase ao ritmo da música.

Entre os tradutores surdos, observou-se nas versões apresentadas que, de forma geral, optaram por não trazer a música original ao fundo, apenas uma das tradutoras colocou fundo musical, mas se tratava de uma canção instrumental, ou seja, sem voz.

Percebemos que esta escolha se deu pelo fato de a mesma ter editado seu vídeo, o qual apresenta-se em preto e branco e é sinalizado ricamente em detalhes, inclusive, a tradutora sinaliza toda a cena que acontece no clip da música, desde as velas presentes no cenário no início do vídeo.

O uso de classificadores é intenso durante todo o trabalho, algumas imagens foram escolhidas e serão apresentadas na sequência. O tempo da versão 6 triplica se comparado ao original e isto ocorre, justamente, por ser rico em detalhes, expressões faciais e corporais e classificadores. Observamos, o exemplo do uso desses classificadores. A tradutora faz referência à ÁRVORE DE NATAL – 1min50s e TRONO DE DEUS – 7min23s.

Observamos que sinalizantes surdos optam por realizar a repetição do mesmo sinal quando desejam dar ênfase em um determinado ponto da música. Um dos tradutores usou datilologia para glosa²⁴ C-O-N-F-I-S-S-Ã-O e o mesmo oralizou durante todo o processo tradutório. Ambas as traduções apresentaram incorporações de sinais.

b) Na análise da pesquisadora, os tradutores alcançaram o objetivo da pesquisa? Em seus trabalhos estão presentes os termos, melodia, harmonia, ritmo, estética e som, da música usados em língua de sinais apresentados nesta pesquisa?

O objetivo proposto nesta pesquisa foi o de analisar o recebimento das informações através da canção quanto ao entendimento e à emoção. Em uma primeira análise, a pesquisadora identificou fatores que podem embasar a teoria de que uma tradução musical requer tempo, pesquisa e dedicação.

Em sua visão de ouvinte e, igualmente, tradutora observa que o recurso de fundo musical é importante, desde que esse tradutor seja ouvinte. Por outro lado, se considerarmos as vibrações musicais apresentada no *corpus*, o recurso da música de fundo se faz necessário para ambos, surdos e ouvintes, uma vez que, ao assistir um vídeo traduzido, o sujeito surdo poderá ter o

²⁴ Glosas são palavras de uma língua oral grafadas com letras maiúsculas que representam sinais. Quando cada letra é separada por hífen significa soletramento.

recurso de som, através de um computador, um auditório, uma festa, uma apresentação teatral e, então, poderá sentir a vibração.

Assim como nos apresentou Ribeiro (2013),

[...] há Surdos que odeiam a música, pelo fato de não ouvir, mas há Surdos que amam a música, pois sentem vibração através do seu corpo. Existem Surdos que entendem a música, pela sua leitura visual e uma memória gráfico-linguística das letras ou das partituras musicais e outros que nem querem entendê-la. Há Surdos que se emocionam com a música, pelo fato de que as mãos podem expressar e cantar. Há Surdos que jamais passarão por uma experiência de sentir prazer na presença de alguma peça musical, através de sentir o ritmo e a vibração. (p.33).

Quanto à emoção, como ouvinte, a pesquisadora também sentiu necessidade do recurso da música de fundo, a qual formaria um conjunto com a intensidade de expressões. Observando com ênfase a versão 6, na qual foi apresentada uma música ao fundo, esse recurso, usado por uma surda, condiz com os argumentos defendidos acima, os quais se referem que mesmo o tradutor surdo poderá usar esse recurso a seu favor.

A pesquisa apontou os termos relacionados à música, como Melodia/Coerência da letra; Harmonia/Simetria, ou seja, a sequência lógica da sinalização; Ritmo/Intensidade no movimento e expressões; Som/sentir, vibração; Estética/ Emoções.

Quanto à melodia, as 6 versões realizadas apresentam coerência e simetria, mantendo o foco na letra e na história implícita na canção, a sinalização se desenvolveu com coerência lógica dos fatos, sem fugir do tema.

Como referenciamos anteriormente “uma melodia é uma sucessão rítmica de tons em diferentes intervalos, e que é regrada pelo ritmo; ainda, entendemos que os sons que formam a melodia possuem quase sempre durações diferentes. Deste modo, a melodia em língua de sinais caracteriza-se pelos sinais produzidos durante a interpretação, com sequências lógicas e coerentes com intervalos ou pausas nas sinalizações marcando o tempo da música sinalizada.”

Quanto a harmonia analisamos a sequência lógica da sinalização, a simetria em Libras, onde não foram apresentadas dificuldades tradutórias. Machado (2013, p. 107) nos trouxe o conceito desta prática. “a simetria integra de forma marcante as produções poéticas na Libras, sendo usada como recurso que traduz harmonia na poesia em língua de sinais.”

Quanto ao ritmo, a referência teoria nos apresentou um conceito por VALLI (1993)

O ritmo é percebido em uma sequência de eventos, quando se repetem regularmente de tal modo que os intervalos de tempo que eles ocupam são sentidos por serem quase iguais uns aos outros ou simétricos. A experiência está ligada à emoção e muitas vezes dá uma sensação de equilíbrio. A rima e a métrica também organizam o ritmo em alguns padrões específicos e formais para auxiliar no fluxo. O ritmo na poesia em ASL usa o corpo e o espaço e é criado de várias formas: alguns contornos do movimento,

assimilação, movimentos alternados, mudança de um sinal, lateralidade, duração do movimento e tamanho do movimento. (apud Klamt, 2014, p.40, tradução de Klamt)”.
Assim a pesquisadora observou que alguns tradutores não disponibilizaram de tempo para se aprofundar ao estudo de como seria realizada esta tradução. Este fator fez com que alguns ficassem de sobremodo presos à letra, dando a impressão que não conheciam a sequência apresentada pela música e, se por algum momento deixassem de ler a letra, a intensidade dos movimentos e expressões restavam prejudicadas. Se existe entrega e segurança no trabalho, a sinalização se apresenta firme, confiante e ritmada. Já, de outro modo, outros tradutores que não se prenderam à letra, apresentaram uma tradução confiante, mais solta e de entrega nas expressões faciais e corporais.

Quanto ao som e à estética, a pesquisadora acredita que não cabe a ela realizar esta análise, pois, em especial esses dois termos, são produtos investigativos desta pesquisa, quanto ao que se refere à percepção do sujeito surdo, de tal forma que a análise anterior, realizada por sujeito surdo tratou desses termos. Em sua percepção, as seguintes imagens demonstram que o conjunto de fatores, já relacionado anteriormente na análise do sujeito surdo, pode transmitir a emoção da canção. Essa percepção está referenciada com o conceito que Machado nos apresentou

A estética está relacionada ao subjetivo, ao interior do poeta que reflete e que representa imagens mentalmente, internalizando-as e, em seguida, expressando-as de forma poética. A estética favorece a subjetividade criativa, a inspiração e a imaginação e, empregada nas poesias sinalizadas, geralmente está associada aos aspectos culturais e linguísticos relativos aos Surdos. (2013, p. 59).

c) Na análise da pesquisadora, o que pode ser percebido com a avaliação dos questionários?

No que tange a opinião de surdos e ouvintes, quanto a tradução de música para língua de sinais, estes se mesclam, salientamos aqui alguns pontos por eles mencionados: Julgam ser importante essa prática, pois se trata de incluir o surdo em todas as áreas da sociedade, sendo essa uma das formas de terem conhecimento cultural e artístico. Nessa prática, se faz necessário o uso de dicionário para pesquisar as palavras e seus significados, bem como a pesquisa de novos termos em língua de sinais, realizar adaptações na letra e abusar do uso de classificadores, se esforçar para transmitir a emoção da letra e a produção da tradução deve ter foco em não realizar um Português sinalizado. Como Castro (2011) referenciou.

Esses são vícios que vêm sendo cometidos por muitos intérpretes e que podem ser sinalizados nas interpretações musicais (a língua de sinais em relação com a estrutura

gramatical da Língua Portuguesa), o que denota uma falta de preocupação e/ou conhecimento, por parte desses profissionais, com o entendimento do surdo sobre a interpretação da música. (2011, p. 2).

Por outro lado, se observa que a reconstrução da canção em língua de sinais pode não ser uma música propriamente dita, sendo que possuem diversos detalhes que fazem dela uma música, recursos auditivos em sua maioria. A música sinalizada pode ser compreendida talvez como poesia visual. Como Machado (2013) nos leva a refletir que a repetição de sinais nas traduções dita a rima de uma poesia, ou no nosso contexto, o andamento de uma canção, o sincronismo rítmico da mesma, apresentando assim um recurso estético. De acordo com a autora, rima e repetição acabam por produzir construções poéticas com significados múltiplos e de caráter emotivo.

Quanto às dificuldades para realizar o trabalho, as respostas vão de uma extremidade à outra. Observamos que alguns tradutores responderam não sentir nenhuma dificuldade no trabalho, outros não encontraram tempo suficiente para desenvolver uma tradução de melhor qualidade, outros sentiram dificuldade em transmitir o ritmo, por ser uma canção mais lenta e poucos sentiram dificuldade de compreensão da legenda em Língua Portuguesa, o que os levou a recorrer a dicionários de sinônimos.

Igualmente, também foram apresentadas as seguintes dificuldades: o envolvimento de três línguas; o Inglês da voz; o Português das legendas e a Libras da sinalização; tradução da tradução; a Harmonia e Ritmo, no que tange sinalizar de acordo com a voz; som e ritmo; a expansão de alguns sinais com objetivo de contextualizar a tradução; cena descritiva em ação, como por exemplo “Onde está a fila para ver Jesus?”.

Sobre as respostas observadas quanto às estratégias e técnicas tradutórias, temos os seguintes pontos destacados: tradução simultânea; leitura auditiva da letra e melodia; adequação do compasso; escolha de sinais; classificadores; estudo da letra e vídeo; expressões faciais; escuta do áudio por semanas; comparação língua fonte e língua alvo; reflexão sobre a maneira de traduzir; treino; leitura das cenas do *clip*; leitura simultânea da legenda em Português.

Sobre o questionamento de como seria apresentada a melhor maneira de transmitir a emoção contida na canção, as opiniões se dividem. Os tradutores surdos apresentaram respostas da seguinte forma: primeiramente se faz necessário o tradutor imergir na música e se deixar emocionar-se, se puder unir a vibração nesse contexto apresentaria melhor resultado, tanto para o tradutor, quanto ao receptor. Usar classificadores, trabalhar na criação destes e incentivar os TILS nesses trabalhos tradutórios musicais, pois existem poucos surdos que se interessam pela área, pois os TILS têm o recurso de ouvir o som, o que os auxilia na transmissão da emoção.

Entendemos que, nesse ponto, o tradutor se refere à parte rítmica, aos movimentos corporais que podemos usar nesse trabalho.

Quanto aos tradutores ouvintes, esses indicaram que para uma boa transmissão de emoção seria necessário um envolvimento significativo com a música e, da mesma forma, um grande uso de expressões faciais e corporais. Também, faz-se uma reflexão que a emoção é algo que transborda, não possuindo técnica para transmiti-la, pois se trata de criar a arte. É uma busca constante em vivificar a letra e se aproximar do ritmo. O vídeo não “vibra” ao som tocado, desta forma, a tradução em vídeo não pode ser transmitida nesse mesmo sentido. A pesquisadora reflete aqui que o recurso de “vibrar”, no caso da tradução em vídeo, não se faz presente, dificultando a transmissão da emoção.

Essas análises corroboram com Hagiara-Cervellini (2003, p. 79)

As músicas, além dos ouvidos, podem também ser sentidas pela pele e pelos ossos de partes do corpo humano: A pele é o órgão dos sentidos mais vital. Pode-se viver sem audição, visão, olfato, paladar, mas é impossível viver sem a pele. A pele estabelece os limites do corpo, propiciando sua relação com o mundo exterior. É, portanto, um meio de comunicação fundamental com o outro. Ela funciona como um canal de transmissão geral. Daqui se depreende que os sons possam afetar o sujeito também por essa via. E, beneficiando-se dela, o sujeito surdo pode, então, usufruir desse mundo sonoro e reagir a ele. Ouvir com todo o corpo, entrar em sintonia com as vibrações sonoras mediante toda extensão pericorporal é possível ao surdo, bem como ao ouvinte. O conjunto perceptivo multissensorial permite-lhe a vivência musical e, assim, cria canais para a manifestação de sua própria musicalidade. (apud RIBEIRO, 2013, p. 36).

Quanto aos que sentem falta das traduções musicais realizadas por surdos ou ouvintes, estes opinaram da seguinte maneira: Sentem falta da competência de mente corpórea, que significa uma competência perceptível, pois TILS fazem suas escolhas interpretativas com excelência, quando a possuem. Perceberam que algumas traduções por surdos parecem mecânicas, e outras vezes apenas copiadas de outro tradutor, conhecer melhor as metáforas seria algo para acrescentar. De outra maneira o tradutor da versão 1 fez o seguinte comentário: “há em algumas sinalizações uma qualidade da poética visual que é imensurável, verdadeiras delícias para os olhos, um prazer estético. Algumas traduções como do Valdo Nobrega, por exemplo, são de uma poética tão harmônica que não poderíamos alocá-las necessariamente ao conceito de “música” tão circunscrita aos ouvintes, tão subjugado ao termo do hegemônico. O Hino Nacional sinalizado por Bruno Ramos extrapola o vídeo, ali não é um hino-música, é sim um compilado de imagens simultânea de poesia viva em mãos, em traços e corpo. Leo Castilho ao lado de Liniker no Rock in Rio não apenas traduziu uma música, mas fez manifesto pela representatividade, marcando uma primavera surda que celebra a língua de sinais na ótica da diversidade.”

Os tradutores surdos realizaram as seguintes colocações mediante a mesma questão apresentada, mas realizadas por ouvintes: Os TILS necessitam praticar mais, refletir sobre escolhas de sinais, expressões faciais, usar classificadores, evitar o Português sinalizado, precisam libertar a Libras, cantar com as mãos, usar incorporação de sinais e utilizar a vibração. Apontaram que os surdo e ouvintes poderiam estudar música juntos e apresentarem uma sinalização mais clara. Sugerem que o tradutor sempre seja surdo, pois, o surdo transmite a mensagem da melhor forma por já ser sua língua nativa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho de conclusão de curso busca contribuir para a área da tradução de música para Libras. As questões abordadas nessa pesquisa são relevantes para as discussões acerca dessa prática e sua realidade. Será a falta de dedicação profissional de um tradutor, que faz o surdo não encontrar diferença entre uma música ou um texto interpretado? Será o preconceito formado de que “o surdo não entende música”, assim como “não compreende o português”, que deixa os profissionais acomodados? Se buscarem uma dedicação maior, tempo de análise e pesquisa sobre a canção, com estratégias que essas traduções exigem, o resultado seria diferenciado? Analisando essas questões compreendemos que existem fatores, como falta de tempo para estudo, espaço adequado, intensidade na sinalização, insegurança quanto à letra da canção, que corroboram com a afirmação de que a tradução de música para Libras apresenta um déficit quanto ao método usado por alguns tradutores, resultando em uma tradução imprecisa. Em consequência disso, o sujeito surdo é privado de uma compreensão clara do conjunto de informações culturais, artísticas e emotivas que a música deseja transmitir.

No embasamento da pesquisa foram citados alguns autores, que trazem reflexões quanto à questão norteadora do trabalho: Como transmitir a emoção contida na melodia que acompanha a letra e levar essa experiência, que transmite além de história e cultura, um bem-estar interior ao surdo, de maneira interessante e encantadora, sem que o mesmo se sinta inferiorizado por não possuir a audição, mas que ao contrário, viva novas experiências ressaltando suas potencialidades?

Com base nas referências e análise dos dados em conjunto com a tradução de uma música, realizada por seis tradutores, surdos e ouvintes, levantamento de um questionário proposto e percepção das traduções por um sujeito surdo, podemos concluir o que segue.

O conjunto da obra artística chamada música tem implícito fatores ignorados por muitos tradutores. A letra escrita de uma forma métrica poética tem em si fatores culturais e históricos importantíssimos de serem transmitidos com clareza, para que o sujeito surdo obtenha conhecimentos e compartilhe experiências, que vão além do conhecimento teórico, mexendo com seus sentimentos e emoções. A melodia da música, seu andamento, nos traz em Libras uma compreensão de sentido, ou seja, como está se apresentando a coerência da letra. A harmonia é compreendida de forma simétrica em Libras, o equilíbrio, a concordância e equivalência. A estética nos traz uma percepção visual, de como o ritmo traduzido em expressões, movimentos e intensidade está sendo recebido no campo visual e ao sentir a vibração da música o surdo estará sentindo o pulsar do som. Esses fatores em conjunto com uma tradução bem executada,

baseada em treino, pesquisa, estudo e recursos visuais, como edições de vídeo ou equipamentos que produzam a vibração sonora, podem transmitir emoção, transpondo limites, trazendo encantamento e conhecimento histórico e cultural.

Desmistificamos, dessa maneira, a crença popular de que “o surdo não compreende música” e salientamos que sim, compreende, e tem direito a um trabalho realizado com respeito, qualidade e dedicação, a fim de adquirir conhecimento e novas experiências, podendo, então, encontrar menor resistência por parte da comunidade surda, ao se permitir novas competências neste mundo vasto de possibilidades.

A música ao ser traduzida para língua de sinais é ajustada à compreensão visual, tornando-se acessível podendo ser aceita na cultura surda? Se a Experiência Visual é um artefato da cultura surda, e, através dela, o surdo pode se constituir como sujeito e fazer a leitura do mundo, então ele pode viver a experiência de uma música traduzida em Libras, e, assim, essa tradução ser considerada um artefato cultural?

Nossas considerações sobre esse tema tão polêmico, mediante a pesquisa apresentada, é de que se a música traduzida passa ser uma experiência visual, e assim, um artefato cultural, ela pode se apresentar como parte da cultura surda. Contudo, salientamos que estamos nos referindo aqui a tradução da música e não a música em si, pois a música propriamente dita é algo próprio a cultura ouvinte.

Enfim, na análise dessas produções desponta uma nova área de pesquisa, desde como desenvolver estratégias tradutórias afim de alcançar o resultado estimado dentro da tradução de música até pesquisas que embasem que essas traduções podem fazer parte da cultura surda em suas produções e vivências. Pode-se questionar se denominam-se traduções de músicas, ou versões, ou recriações? O presente trabalho poderá contribuir para futuras pesquisas, as quais apresentarão novos conceitos e aperfeiçoarão nossa área de trabalho.

REFERÊNCIAS

- BASSNETT, Susan. **Estudos da tradução**. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- BRASIL. **Senado Federal. Lei nº 12.319 de 1º de setembro de 2010**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm>. Acesso em: 15 dez 2017.
- CASTRO, Alexandre Ferreira. **Musicalidade em Libras: Como Encantar e Aprender**. 2011. REVISTA EFICAZ. Maringá, 2011.
- COELHO, Helena de S.N.W.: **Técnica Vocal para Coros**. São Leopoldo: Sinodal, 1991.
- COPLAND, Aaron. **Como ouvir (e entender) Música**. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.
- DINIZ, Thais Nogueira, **Literatura e Cinema: da Semiótica à Tradução Cultural**. Ouro Preto: UFOP, 1999.
- FEBRAPILS. **Código de conduta e ética. Brasília: Febrapils**, 2014. Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/269229940/Codigo-de-Etica-Febrapils>>. Acesso em 01 abr. 2018.
- GODOY, A.A. Arte. **Jornada para as Estrelas – Anais do V Congresso Nacional de Arte - Educação na Escola para Todos**, Brasília, 2000.
- HAGUIARA-CERVELLINI, Nadir. **A Musicalidade do Surdo: Representação e Estigma**. São Paulo: Plexus, 2003.
- HOLMES, James S. The Name and Nature of Translation Studies. In: VENUTI, Lawrence. **The Translation Studies Reader**. London: Routledge, 2004. Disponível em <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.464.601&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em 20 abr. 2018.
- HURTADO ALBIR, Amparo. **Traducción y Traductología. Introducción a la Traductología**. Madrid: Cátedra, 2001. [2a ed. 2004].
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1975.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução: Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010.
- JOLY, I.Z.L. **Educação e Educação Musical: conhecedores para compreender a criança e suas relações com a música**. In: HENTSCHLE, L; DEL BEM, L (orgs). Ensino de música propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Moderna, 2003.
- KLAMT, Marilyn Mafra. **O Ritmo na Poesia em Língua de Sinais. 2014**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2014. Disponível em <<https://core.ac.uk/download/pdf/30400732.pdf>> Acesso em: 24 de abr. de 2018.

KLAMT, Marilyn Mafra. **Sonoridade Visual na Sinalização Artística em Língua Brasileira de Sinais**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2018. No Prelo.

LEITE, Tarcísio de Arantes. **A Segmentação da Língua de Sinais Brasileira (Libras): Um Estudo Linguístico Descritivo a partir da Conversação Espontânea Entre Surdos**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, 2008.

MACHADO, Fernanda de Araújo. **Simetria na Poética Visual na Língua de Sinais Brasileira**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, SC, 2013. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107555/318702.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 24 de abr. de 2018.

MAGALHÃES, Ewandro Jr. **Sua Majestade o Interpretre**: o fascinante mundo da tradução simultânea. São Paulo: Editora Parábola, 2007.

MED, Bohumil. **Teoria da Música**. 4º Ed. Brasília: MusiMed, 1996.

MONTEIRO, Gizele de Assis. **Ritmo e Movimento**. São Paulo: Phorte Editora, 2000.

PERCÍLIA, Eliene. **Funções da linguagem**, Brasil Escola. 2018. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/funcoes-linguagem-1.htm>>. Acesso em: 18 abr. 18.

PINHEIRO, Daiane; LAZZARIN, Márcia Lise Lunardi. **Produções Culturais Surdas no Youtube**: Estratégias de Produção, Negociação e Consumo de Identidades. Revista Educação e Cultura Contemporânea. Vol 10, n. 21. Rio de Janeiro, Universidade Estácio de Sá, 2012. Disponível em <<file:///C:/Users/Joelson/Documents/Id%C3%A9ias%20TCC/produ%C3%A7%C3%B5es%20culturais%20no%20youtube.pdf>>. Acesso em 25 mar. 2018.

QUADROS, Ronice. **O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Especial MEC/SEESP, 2007.

RIBEIRO, Daniela Prometi **Glossário Bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: Criação de Sinais dos Termos da Música**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília -UNB, Brasília, DF, 2013.

RIGO, Natália. Traduições de canções de LP para LSB: **Identificando e comparando recursos tradutórios empregados por sinalizantes surdos e ouvintes**. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, SC, 2013.

RÓNAI, Paulo. **A Tradução Vivida**. São Paulo: José Olympio, 1976.

RUSSO, Angela. **Intérprete de Língua de Sinais: uma Posição Discursiva em Construção**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) UFRGS, Porto Alegre, RS, 2009.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Os Surdos, a Música e a Educação**. 2016. Disponível em <<file:///C:/Users/Joelson/Documents/Id%C3%A9ias%20TCC/Surdos%252c%20M%C3%BAsica%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20-%20N%C3%ADdia%20de%20S%C3%A1.pdf>>. Acesso em 30 abr. 2018.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os Diferentes Métodos de Tradução. **Clássicos da teoria da tradução** - vol. 1: alemão português. Florianópolis: UFSC, 2010.

STROBEL, K. L. **As Imagens do Outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

SUTTON-SPENCE, R., QUADROS, M.R. **Poesia em Língua de Sinais**: Traços da Identidade Surda. Estudos Surdos I/ Ronice Muller de Quadros (org.). Petrópolis: Arara Azul, 2006.

APÊNDICE A - ANÁLISE TRADUTÓRIA REALIZADA POR SUJEITO SURDO.

Versão 1

1) Quanto à melódia, a compreensão do sentido da música, sendo que a mesma contém uma história a ser transmitida, foi clara?

Sim contexto muito bem com música, gostei mais este no vídeo do que outros. Percebi ele intérprete é ouvinte por isso ficou perfeito junto do fundo com vídeo. Amei demais

2) Quanto à harmonia, ficou perceptível a simetria na tradução, ou seja, a sequência lógica dos fatos?

Perfeitamente e profissional. Tudo certinho.

3) Quanto ao ritmo, foi demonstrado intensidade nos movimentos ou expressões, ou poderia ter sido melhor?

Perfeitamente e profissional. Já tem publicar a TV, Youtube e todas mídias. Gostaria muito colocar a TV quando estar na hora no Natal, do mês de dezembro. Mas o povo trabalha na TV quase não mostrar nada. É uma pena!!!

4) Quanto ao som, que sentimento a tradução lhe causou? Você conseguiu sentir a música?

O meu notebook com volume mas não senti nada mas olhei no vídeo me achei maravilha, provavelmente quando usarei meus aparelhos auditivos ficar ainda melhor muito junto olhando este vídeo com interprete contexto com música.

5) Quanto à estética, quais foram as emoções transmitidas na tradução? Alegria, tristeza, reflexão, agressividade, suavidade? E quais as estratégias usadas pelo tradutor que possibilitou ao sujeito surdo sentir a emoção contida na música?

Perfeitamente e profissional. Alegria, mostra o que significa “onde está o Jesus” isso aí importante para todas crianças aprender o que é correta verdadeira, emoção, me senti muito bem e bom exemplo e bem suavidade.

Versão 2

1) Quanto à melodia, a compreensão do sentido da música, sendo que a mesma contém uma história a ser transmitida, foi clara?

Sim foi bem clara porque ela é ouvinte bem captar pelo ouvido com música.

2) Quanto à harmonia, ficou perceptível a simetria na tradução, ou seja, a sequência lógica dos fatos?

Ficou perfeitamente.

3) Quanto ao ritmo, foi demonstrado intensidade nos movimentos ou expressões, ou poderia ter sido melhor?

Sim, mas poderia melhor formato da janela ficou meio fechado com todo os lados pretos sem graça.

4) Quanto ao som, que sentimento a tradução lhe causou? Você conseguiu sentir a música?

Sim me senti com vibração bem suave só isto, pelos ouvidos nada e se uso com aparelhos auditivos ficava melhor ainda.

5) Quanto à estética, quais foram as emoções transmitidas na tradução? Alegria, tristeza, reflexão, agressividade, suavidade? E quais as estratégias usadas pelo tradutor que possibilitou ao sujeito surdo sentir a emoção contida na música?

Me percebi reflexão, suavidade e certeza me deixou emoção sobre cadê o “JESUS” foi o menino disse.

Versão 3

1) Quanto à melodia, a compreensão do sentido da música, sendo que a mesma contém uma história a ser transmitida, foi clara?

Sim, mas ele é deficiência auditiva com implante coclear, meio frio por causa ele tá lendo com legenda do vídeo que percebi.

2) Quanto à harmonia, ficou perceptível a simetria na tradução, ou seja, a sequência lógica dos fatos?

Prefiro teoria mais e não precisava lendo acompanhante com legenda do vídeo.

3) Quanto ao ritmo, foi demonstrado intensidade nos movimentos ou expressões, ou poderia ter sido melhor?

Suficiente, falta mais solta criativa

4) Quanto ao som, que sentimento a tradução lhe causou? Você conseguiu sentir a música?

Não percebi.

5) Quanto à estética, quais foram as emoções transmitidas na tradução? Alegria, tristeza, reflexão, agressividade, suavidade? E quais as estratégias usadas pelo tradutor que possibilitou ao sujeito surdo sentir a emoção contida na música?

Falta qualificação de postura e meio tristeza.

Versão 4

1) Quanto à melodia, a compreensão do sentido da música, sendo que a mesma contém uma história a ser transmitida, foi clara?

Sim contexto da música.

2) Quanto a harmonia, ficou perceptível a simetria na tradução, ou seja, a sequência lógica dos fatos?

Ela é ouvinte e tem boa sequência com música.

3) Quanto ao ritmo, foi demonstrado intensidade nos movimentos ou expressões, ou poderia ter sido melhor?

A interpretação e tradução dela, bem em suave nos movimentos, me senti parece ela é como cantora ou professora infantil mas podia mais criativa para o público.

4) Quanto ao som, que sentimento a tradução lhe causou? Você conseguiu sentir a música?

Não me senti nada, só percebi dela.

5) Quanto a estética, quais foram as emoções transmitidas na tradução? Alegria, tristeza, reflexão, agressividade, suavidade? E quais as estratégias usadas pelo tradutor que possibilitou ao sujeito surdo sentir a emoção contida na música?

Alegria, reflexão, suavidade mas um pouco lenta por isso falta de criatividade e mais solta.

Versão 5

1) Quanto à melodia, a compreensão do sentido da música, sendo que a mesma contém uma história a ser transmitida, foi clara?

Gostei dele muito bom penúltimo.

2) Quanto a harmonia, ficou perceptível a simetria na tradução, ou seja, a sequência lógica dos fatos?

Acho que ele é surdo, mas não sei certeza, perfeito e boa tradução da música.

3) Quanto ao ritmo, foi demonstrado intensidade nos movimentos ou expressões, ou poderia ter sido melhor?

Foi muito bom nos movimentos e expressões, gostei do vídeo dele.

4) Quanto ao som, que sentimento a tradução lhe causou? Você conseguiu sentir a música?

Só percebi como ele faz muito bem, bem natural os sinalizados e sem lendo do texto da música.

5) Quanto a estética, quais foram as emoções transmitidas na tradução? Alegria, tristeza, reflexão, agressividade, suavidade? E quais as estratégias usadas pelo tradutor que possibilitou ao sujeito surdo sentir a emoção contida na música?

Alegria, emoção, reflexão muito boa e mais positivo.

Versão 6

1) Quanto à melodia, a compreensão do sentido da música, sendo que a mesma contém uma história a ser transmitida, foi clara?

Sim, mas um pouco cortado em parte a parte do vídeo.

2) Quanto à harmonia, ficou perceptível a simetria na tradução, ou seja, a sequência lógica dos fatos?

Sim, ela é surda com boa muito teoria do texto da música e sem olhou do texto.

3) Quanto ao ritmo, foi demonstrado intensidade nos movimentos ou expressões, ou poderia ter sido melhor?

Contado estória meio longo, para mim prefiro mais criativo e não muito lenta.

4) Quanto ao som, que sentimento a tradução lhe causou? Você conseguiu sentir a música?

Percebi dela porque ela conseguiu fazer sozinha com tradução da música.

5) Quanto à estética, quais foram as emoções transmitidas na tradução? Alegria, tristeza, reflexão, agressividade, suavidade? E quais as estratégias usadas pelo tradutor que possibilitou ao sujeito surdo sentir a emoção contida na música?

Foi tristeza, séria, cor fria, sem graça e prefiro mais decorativa e criativa.